



**PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE  
SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA**

**ALMAS DE VIDRO**

**peça teatral de autoria de Marcos Viani**

**vencedora, em 2º lugar, do**

**7º Concurso Nacional de Dramaturgia - Prêmio Carlos Carvalho/2008**

**IMPORTANTE:** Conforme o edital do Prêmio Carlos Carvalho / Auxílio-Montagem, concurso nº 17/10, processo nº 001.044122.10.1, item 2.4. “Os direitos autorais para montagem das peças teatrais, que são objeto do prêmio de auxílio-montagem, estão liberados pelos próprios autores”, exclusivamente, “nas datas para as apresentações gratuitas previstas no item 1.1 deste edital” (15, 16, 17, 22, 23 e 24 de julho de 2011), “sem ônus para o Município e para os encenadores”, após essas datas, a liberação para novas apresentações estará sujeita a novo acordo a ser realizado diretamente entre autores e encenadores. Qualquer infração aos direitos autorais estará sujeita à legislação vigente no País.

# *Almas de vidro*

*Monólogo dramático em três partes*

*Marcos Viani*

**Personagens:**

DITADOR

EX-POLICIAL

FRANÇOIS MAOUS (Prisioneira de campo feminino)

HITLER

MÉDICO JUDEU

MÉDICO NAZISTA

MORADOR DE UMA VILA

OFICIAL DE ESCRITÓRIO

PADRE

PRISIONEIRO DE CAMPO DE CONCENTRAÇÃO

PRISIONEIRO DEPORTADO

PROFESSOR

RUDOLF FRANZ FERDINAND HOESS (Comandante de Auschwitz)

“Em sua forma pura o vidro é um material transparente, relativamente forte e resistente, essencialmente inerte e biologicamente inativo. O vidro é, entretanto frágil e quebra-se em cacos afiados. Estas propriedades podem ser modificadas ou mesmo mudadas inteiramente com um tratamento de calor.

Transparência, fragilidade...

O vidro é moldado assim como moldamos nossa alma durante a vida. Quando se faz uma garrafa, por exemplo, assopra-se dentro de uma massa de vidro e cria-se uma forma. Na bíblia está escrito que quando Deus fez o homem, Ele soprou dentro de suas narinas a vida, a alma ,o espírito...”

**PARTE I – Percurso do trem**

MONÓLOGO 1 - O trem da morte

MONÓLOGO 2 - A viagem

MONÓLOGO 3 – O Inferno

MONÓLOGO 4 – Eu vi um trem

MONÓLOGO 5 – A chegada

**PARTE II - Campos de concentração**

MONÓLOGO 6 – Médico judeu

MONÓLOGO 7 – Câmara de gás

MONÓLOGO 8 – Médico nazista

MONÓLOGO 9 – Médico judeu - parte II

MONÓLOGO 10 – Construindo Auschwitz

MONÓLOGO 11 – Um dia a mais – Fim I

**PARTE III – Ideais e doutrinas**

MONÓLOGO 12 – Hitler

MONÓLOGO 13 – Santa Sé

MONÓLOGO 14 – Eutanásia

MONÓLOGO 15 - Nazismo no Brasil

MONÓLOGO 16 – Revisionismo

MONÓLOGO 17 – Hitler parte II

MONÓLOGO FINAL – O grande ditador - Fim II

## PARTE I - PERCURSO DO TREM

### Monólogo 1 - O trem da morte

*Hino de Auschwitz. Música à capela, no escuro.*

Longe para o infinito se estendem os grandes prados pantanosos.  
Nem um só pássaro canta nas árvores secas e ocas.  
Oh Terra de desamparo, onde devemos sem cessar cavar, cavar...

Nesse campo sombrio e selvagem, rodeado de muros de ferro,  
Parece-nos viver numa jaula em meio a um grande deserto.  
Oh Terra de desamparo, onde devemos sem cessar cavar, cavar...

Ruídos de cadeias, ruídos de armas, sentinelas de dia e de noite  
Gritos, choros e lágrimas, a morte para quem foge.  
Oh Terra de desamparo, onde devemos sem cessar cavar, cavar...

Mas um dia em nossa vida, a primavera reflorirá  
Livre, então oh Pátria eu direi: Tu és minha  
Oh Terra enfim livre onde poderemos tornar a viver e amar, amar...

### DEPORTADO JUDEU

Uma crosta de sangue recobre meu rosto. Esfrego com força o olho direito pra desgrudar as pálpebras. Lentamente, percebo uma ferida na testa. Durante alguns segundos me pergunto como fiz este corte.

Eis que as imagens invadem minha cabeça e me lembram...

Foi uma garrafa, uma garrafa que me atingiu...

Eu tento gritar... A garganta infla, mas apenas um sopro de ar... Nada mais.

Silêncio...

A mão hesita sobre os lábios, então me surpreendo, sinto a carne rachada, arrebatada.

Aos poucos volta o suor, o último suor, que dissolve o sangue seco sobre minha face.

Eu estou deitado no chão.

Ouçõ gritos difusos e longínquos, o trem está parado. Meu vagão silencioso. Quanto tempo fiquei desmaiado? Horas? Dias?

A mão desliza sobre o peito nu e encontra um joelho, outra mão... Como se estivesse sido queimada.

Começo a tremer de medo e fico gelado.

Em menos de um segundo passo pelo martírio da sede, fome, calor, coceira e sobre tudo esse zumbido dentro da minha cabeça, que vai crescendo... E como um trovão, rói, tortura e se manifesta entre os fracos e os loucos que não querem morrer, como eu.

A vontade impede os reflexos, o corpo todo; músculos e nervos somem diante dos olhos.

Pupila ofuscada, olho inflamado e aguçado...

Pela primeira vez desde que partimos meus olhos vencem a penumbra e esta névoa espessa que substituiu o pouco ar do vagão de gado, consigo ver o chão...

O chão está coberto de cadáveres que se entrelaçam formando uma única massa de corpos grotesca.

E percebo que despertei em cima deles, uma cama de cadáveres...

Tento me endireitar, na minha semiconsciência fico horrorizado.

Tenho que pisar sobre eles, e conforme o faço, os corpos soltam líquidos mal cheirosos. Me agarro em uma argola chumbada na parede metálica.

Procuro um lugar para colocar meus pés e o encontro no meio de duas pernas nuas.

Estou no canto do vagão, sufocando com este calor infernal das chapas de ferro.

De repente tento me mexer e escorrego desabando contra a porta corrediça. Aproveito a fresta e tento puxar com minhas narinas entupidas um pouco de ar puro que vem de fora.

Ar pesado e espesso, boca escancarada, alma marcada.

Sinto odores diversos, urina, fezes, vômitos e um terrível cheiro vindo de produtos que vazam dos intestinos.

Tenho que beber algo para soltar as crostas que endurecem a língua, cobre o céu da boca e empurram os lábios pra fora.

Então me levanto e firmo meu pé neste tapete que ondula os meus passos, e abro minhas calças.

Tomo minha urina que parece fria e adocicada...

Ajoelho-me sobre costas maciças.

Não posso desmaiar nem dormir, deitar é morrer!

Morrer aos 20 anos... Desde ontem tenho 20 anos... E os outros... Não posso pensar neles!

Não posso pensar neles, apenas sair deste vagão.

Começo a lembrar de minha infância, de minhas calças curtas e sandálias de corda, daquela excursão em que atravessei um pequeno ribeirão... A água estava gelada, e... e.. As lembranças se atropelam.

Começo a rezar com fervor e me lembro do dia em que fui preso com o bolso cheio de panfletos.

Choro. Uma nova angústia mais densa do que os primeiros tremores, vejo o rosto de minha mãe e golpeio a porta gritando água! Socorro! Socorro!

Ouçõ alguém responder bem baixinho, meu coração quer pular de tanta alegria.

Uma sombra cobre a pouca luz que entrava por uma fresta da lucarna esquerda do trem, penso então que pode ser a pessoa que a pouco me golpeou com a garrafa.

Recuo pisando nas carnes mortas.

A pessoa pergunta se tem mais alguém dentro do vagão, se estou vivo, eu me agacho ignorando o líquido imundo em que as minhas mãos mergulham, estou pronto para saltar se for atacado.

Meus olhos vagarosamente começam a enxergar o homem que se aproxima, parece um bêbado tentando se equilibrar, e desmorona. Seguro a sua cabeça, é um rapaz mais novo que eu, ele pede água. Não tenho.

Ele tem que respirar, pois seu tórax quase não se mexe. Tento levá-lo de quatro para perto da fresta que tem próximo a porta, ele respira profundamente três ou quatro vezes e me agradece.

Ele me fala com dificuldade que tinha um amigo perto dele que não estava morto e que sentiu seus dedos se mexerem. Respiramos ar puro mais uma vez e levamos 5 minutos para chegar ao seu amigo. Ele está vivo!

Ambos bebem urina, e o último a ser reanimado é o mais tagarela, diz que fomos trancados aqui para morrer, só sairemos daqui mortos, e que colocaram 100 pessoas em cada vagão; aqui somos apenas três e nos outros vagões talvez ninguém tenha sobrevivido.

Apenas ouço tudo e penso comigo:

Nenhum de nós escapará vivo, afinal esse é o trem 7909, o trem da morte.

*Fim*

## **Monólogo 2 – A viagem**

### **DEPORTADO JUDEU**

Ao embarcarmos no trem o intérprete nos avisa: Vocês conhecem a tabela; uma tentativa de fuga e serão colocadas 200 pessoas dentro do vagão, uma fuga dez fuzilados, e duas todo o vagão... Esse é o regulamento.

Ele será respeitado e aqueles que tiverem uma faca, ou qualquer outro objeto de metal devem jogá-los no chão e nenhum mal lhes será feito.

Mas se depois for encontrado algo durante a revista o culpado e seus dois vizinhos serão fuzilados. Nenhum objeto?

Muito bem, embarquem!

Mas era impossível cabermos dentro daquele vagão, éramos 100 homens.

Conforme íamos subindo começavam as reclamações: está apertado aqui; muito calor; tira o pulôver; não empurra.

O intérprete sobe no trem e dois soldados vão abrindo caminho para ele dando coronhadas.

Ele diz que vai passar seu chapéu para aqueles que tenham algo de metal consigo e que possa servir para uma eventual fuga, ou mesmo dinheiro. Seu boné passa por cima das cabeças e volta vazio. Ele diz: Muito bem, vocês serão revistados!

Ele fala em alemão com os soldados que afastam os prisioneiros a pancadas.

De repente ouvimos o barulho de uma faca caindo no chão, o intérprete fala e os soldados avançam pra cima de um senhor de uns 50 anos, o jogam para fora do trem. O senhor protesta e diz que a faca não lhe pertence.

Descem e surram o senhor no chão, principalmente na cabeça. Ele só gritou duas vezes.

Já desfalecido o atiram novamente para dentro do trem sem condição alguma de prosseguir viagem. Ele é o primeiro de muitos a morrer no vagão.

Lembro-me de cada face dos outros prisioneiros impotentes perante os soldados que pareciam se divertir chutando um senhor com idade para ser pai deles.

Um vagão de gado nos engoliu.

*(Passagem de tempo).*

Apenas nesgas de luz entram pelas lucarnas, o que é bem pouco.

Não se enxerga nada, estamos muito apertados, desse jeito não vamos aguentar os quatro dias de viagem até o campo de Dachau.

Nosso vagão possui um teto hemisférico e isso quer dizer que teremos uns 25% a mais de ar que os outros vagões. Mesmo assim organizamos um revezamento contínuo dos

prisioneiros, cada um passando em frente de uma pequena abertura que fizemos na parede para respirar.

Tem uma pequena pipa em frente à porta e uma barrica.

Colocamos as roupas no chão, e não penduradas, para o ar circular melhor.

Uma distribuição de água a cada 2 horas, meio copo, ração dupla para os mais velhos, mas segundo contas que fizemos a água não dura mais que um dia. O calor é insuportável. Um antigo militar não quer sentar-se, quer causar tumulto.

Então dou um soco em seu rosto, pois os outros poderiam querer levantar e ficaria difícil de respirar.

Designo uma pessoa pra vigiar a pipa de água, mas é uma missão complicada, pois o calor e a sede descontrolam os deportados.

Às 9h15min o trem 7909 começa a andar.

Entre um vagão e outro tem uma vigia onde fica um soldado.

Eles zombam e riem, nos tratando como animais.

Os deportados que conseguem se deitar são pisoteados pelos que se deslocam durante a viagem para fazer suas necessidades, pois sofrem de disenteria e desidratação.

A latrina nada mais é do que dois ou três latões de carbureto abertos dos dois lados colocados no corredor lateral do vagão.

Esse corredor está ocupado por prisioneiros agrupados ou deitados lado a lado, até junto dos vasilhames. De tal forma que aqueles que têm a sorte de através das trevas conseguirem aproximar-se dos recipientes, enganados pela escuridão, deixam cair a merda no chão e acabam pisando, e ao voltar para seus lugares sem querer limpam os pés nas roupas dos companheiros deitados.

Outros não se agüentam e soltam tudo nas calças ou depositam no chão. Ouvem-se protestos de seu vizinho que foi sorteado com o presente, e na escuridão enfia a mão nele ou ao tentar se mexer rola para o lugar que o pobre infeliz sem querer acaba de soltar aquilo que suas entranhas já não podiam segurar. O calor segue intenso, e esse é só o primeiro dia dentro deste forno.

O trem para e volta a andar vagarosamente sem motivo aparente, o que dificulta a entrada de vento que poderia renovar este ar viciado de dentro do vagão.

Passa pela minha cabeça que os alemães fazem isso de propósito, mas logo um companheiro diz que deve ser por causa dos pedaços da estrada de ferro que foram bombardeadas. Esperamos ansiosos pelo frescor da noite, pois a temperatura interna desse vagão deve ser superior a 50 graus.

Planejam uma fuga, alguns tentam e conseguem quebrar uns poucos fios de arame farpado da lucarna, porém não conseguem alcançá-la.

Um homem de pouco mais de 30 anos começa a gritar que não quer morrer e tenta destruir o painel pregado num dos postigos de ventilação, ele consegue.



Suas mãos banhadas em sangue pelos socos incessantes limpam o suor do rosto, mas deixam um rastro de sangue na sua face. As sentinelas interpretam aquele ato de desespero por ar como uma tentativa de fuga. Um dos guardas arranca a tábua do outro postigo e atrás do homem atira com um revólver. Apesar de avisarmos, ele continuou a destruir o painel como se nada mais importasse se tornando um alvo fácil. Somente a sexta bala o atingiu no braço direito e a sétima na cabeça atrás do lóbulo da orelha e saindo pelo olho esquerdo, ele cai. O guarda torna a atirar e acerta o olho direito de outro rapaz que grita por alguns instantes e também cai.

A cabeça do guarda reaparece na lucarna oposta, o tumulto é geral e aí tenho que me defender. Encosto-me na lateral do vagão e com os braços armados como um lutador de boxe e espero pelo pior.

Os deportados começam a se xingar e a briga começa... Nem lembro quanto tempo levou essa briga, eu apenas tentava sobreviver.

Ninguém mais raciocinava, apenas defendia a sua existência procurando da melhor maneira fugir de um bando de loucos furiosos que esmagavam, pisoteavam, socavam. Muitos jazem pelo chão. A matança chega a tal ponto que o vagão se transforma em um depósito de mortos. Vejo corpos arroxeados; os cadáveres entram em decomposição devido ao calor, soltando um odor sufocante que diminui ainda mais a minha coragem de viver.

Sinto que meu fim chegará em breve e por isso tenho que achar uma maneira desta carta chegar até minha amada Julia... Minha esposa. Neste momento percebo o tamanho do meu amor por ela. Gostaria tanto de continuar a fazê-la feliz. Entreguei a carta para um rapaz que nos serviu água em uma das paradas do trem.

Vejo um senhor com um terço na mão, ele ora e de repente seus olhos se esbugalham, começa a babar e tremer bruscamente e dava chutes e socos em quem tentava acudir-lhe. Foi engolido pela balbúrdia... Seria preciso ser de ferro para não se comover com essa cena que lembrarei até o último dia da minha vida.

Silêncio... Eu achei que essa loucura nunca mais teria fim... Resolvemos fazer uma chamada pra ver quantos vivos temos dentro do vagão. Eu começo... 1... 2... 3... 24... Ninguém mais responde, somos 24 de 100...

Tentamos adormecer tendo como colchão os cadáveres inchados e arroxeados, já não era possível reconhecer os amigos... Somos 24 homens calados, desamparados, atordoados...

Depois do calor e da falta de ar um mau cheiro terrível se espalha, tapamos o nariz e a boca com as camisas e quando alguém mudava de lugar caminhando por sobre os mortos, ouvia-se um gorgolejo sinistro dos corpos esvaziando-se como os de um sapato que se afunda no lodo em um pântano, tive medo que aqueles corpos inchados de gases explodissem.

Um homem deitado ao meu lado chupava o joelho de um morto e sorria com um ar de idiota, já não era mais delírio e sim a mais pura loucura.

Mas eu via o lado bom disso tudo, conforme os companheiros morriam eles deixavam mais oxigênio pra nós... As coisas não estão boas, mas com o frescor da noite tendem a melhorar

E pensando nisso adormeço.

*Fim*

## Monólogo 3 – O inferno

### DEPORTADO JUDEU

O dia se levanta e o sono fez com que recuperássemos um pouco de força. Havia no nosso canto um gorducho que para surpresa geral despertou bruscamente de um sonho erótico ejaculatório.

Decidimos juntar os mortos em uma metade do vagão. O trabalho é infernal e ao puxarmos os corpos pedaços de carne se desprendem, eles ainda estão quentes e apesar disso já rígidos.

O monte atinge o teto, eles nos provocam náuseas, aquele cheiro pestilento faz a gente vomitar. Estamos exaustos... Nós os cobrimos com seus cobertores. Por quanto tempo vamos ficar nesse cemitério rolante?

Alguns amigos corajosos tentam levantar o ânimo dos outros contando piadas, cantando...

Então me lembrei do pão e das salsichas que nos deram antes de embarcar, tento comer, mas percebo que a salsicha está estragada. O pão está seco e além do mais adquiriu um gosto de cadáver, se torna pouco apetitoso.

Contudo os companheiros tentam comer, mas são obrigados a cuspir, estamos tão desidratados que não temos saliva necessária para mastigar.

O trem para lentamente por alguns segundos e ficamos sem saber o que está acontecendo, até que de repente nossa porta é sacudida e se abre bruscamente... *RAUS! LOS! LOS!*

Cambaleando descemos tontos com aquele ar puro, nos enfileiram ao lado dos trilhos, atrás de nós fuzis e metralhadoras engatilhadas prontas para atirar.

Chove a cântaros e a maioria de nós está quase nu, a chuva apaga o fogo de nossos corpos suados. Que mais importa? Estou feliz, pois posso beber a água lamacenta do fosso.

Enquanto isso os alemães incumbiam alguns dos prisioneiros de retirar os mortos e amontoá-los em carros liberados para essa finalidade. São os últimos vagões. Até os mortos devem chegar ao seu destino. Vi que 46 mortos foram descarregados do nosso vagão e levados para os últimos, os dos vagões vizinhos também são levados. A mesma operação em todo o comboio. Os oficiais nos insultam, a essa altura todos estão cansados, alguns cadáveres caem no chão, os representantes da suposta “raça superior” fingem se indignar com o pouco respeito que parecemos ter com os mortos de que eles são os únicos responsáveis e continuam: *JUDEM! LUMPENVOLK! DRECKHUNDE!*

Judeus! Bando de vadios! Safados!

Mas eis o que nos provocou mais raiva. Alguns que estavam desmaiados e sem querer levados juntos com os mortos, começaram a se mexer e voltavam a si. Os alemães perceberam esses moribundos e berrando sacam suas armas, liquidando-os com uma bala na cabeça.

Então subimos novamente para o trem, porém agora temos mais espaço e lavamos nossos corpos cansados com a água da chuva.

Perto de mim um pai e um filho que no início da viagem só pensavam em se proteger trocavam insultos e rolaram pelo chão se estapeando. O calor deve ter cozido os seus miolos, ambos se levantam e a massa retorce, percebo que estão segurando facas e andando em rodas, pois as pessoas perto se afastam transformando o vagão em uma máquina de carne moída.

O filho pula nas costas do pai e o apunhala, no meio da algazarra só consigo me lembrar das gargalhadas de alegria do filho, com seu pai já morto no chão. Quando achei que aquela cena era o limite da loucura, veio a surpresa. O filho pula no corpo de seu pai, eu me retraio ainda na parede do trem com medo. Em volta os outros se atacam, mas era como se um único holofote iluminasse aquela cena. O filho debruçado em seu pai começa a chorar e ao mesmo tempo enfiar a faca no ventre do falecido rasgando a carne e abrindo quase que por inteira a barriga.

Enfurecido enfia as mãos nas entranhas de seu pai e as arranca... Colocando-as em torno de seu pescoço...

Nesse momento eu me viro de costas, e levando as mãos à boca vomito. Espirrou em mim e em um vizinho que enfiava um dedo dentro dos olhos de outro deportado.

Sinto a loucura tomar conta de mim e do trem, acho que estou no inferno.

A essa altura muitos já morreram e outros ainda vão.

Começo a chorar e rezar. Ouço gritos, choros, lamentos.

Conseguem imobilizar o filho... Nesse instante é que uma garrafa atinge minha cabeça, sinto o sangue escorrer por minha testa, caio de joelhos, escuridão completa.

Tenho que levantar, mas não consigo e caio em cima dos cadáveres...

Tento um último esforço... Estou morrendo, meu Deus... E desmaio.

*Fim*

#### **Monólogo 4 - Eu vi um trem**

##### **MORADOR DE UMA VILA**

Naquele dia recebíamos visitas. Estava em casa eu, minha mãe, minha irmã e seu marido. Fazia um calor de rachar quando o trem parou justamente atrás da nossa casa.

Ouvi uns murmúrios vindos dos vagões e reparei nos sentinelas alemães com seus fuzis. Eles circulavam perto do trem. Intrigado me aproximei e pelas aberturas dos vagões vi rostos pálidos e angustiados pedindo desesperadamente por água. Peguei um balde cheio de água e hesitando fui na direção deles. As sentinelas vieram em minha direção, falaram algo e beberam a água jogando o balde no chão. Depois riram e apontaram para o trem e para o balde. Enchi novamente e levei para aqueles homens beberem. Naquele momento minha família também veio, trazendo vários recipientes que minha irmã bombeava sem parar, minha mãe nos passava a água, e descalços íamos em direção aos vagões.

O calor era tanto que os trilhos queimavam os pés. Aproximando das lucarnas vi olhares assustados, olhos fundos e brilhantes de febre. Os homens amontoados uns sobre os outros tentavam receber um pouco daquele líquido tão precioso pra eles. Bebi avidamente e derrubavam bastante. Vi vários mortos lá dentro, não pudemos falar muito, pois as sentinelas estavam a todo momento olhando. Alguns tinham cartas e imploravam que as pegássemos,

meu cunhado pegou cinco, eu consegui uma, ele me pediu que eu enviasse para sua mulher, disse que chamava Julia e tinha um endereço...

Durante duas horas demos água, mas era insuficiente para abastecer todo o comboio. Bombeamos por tanto tempo que a água se tornou leitosa devido às impurezas do fundo do poço.

Meu cunhado foi até as sentinelas comunicar em alemão que tinha mortos dentro do trem, um deles respondeu num mal francês: “Não se preocupe, vamos retirá-los e colocá-los no último vagão.”

Aos poucos outros moradores da aldeia se aproximavam e traziam consigo víveres, e sem hesitar davam aos deportados.

Uma sentinela apontou o fuzil para um morador e lhe disse que ficasse onde estava; durante alguns momentos conversaram e em menos de 5 minutos o comboio tornava a partir.

Braços e cabeças apareciam por de trás do arame farpado que ficavam nas lucarnas.

Tentamos encorajar os homens, dar-lhes esperanças, mas eles sabiam que para muitos restaria pouco tempo.

Enquanto o trem partia ouvíamos gritos de obrigado junto ao barulho estridente das rodas sobre os trilhos escaldantes partindo rumo ao desconhecido.

O trem se foi porém aquele cheiro pesado de corpos em decomposição permaneceu por algumas horas. Parecia que aquilo pairava no ar e o pouco vento não o afastava de perto de casa.

Minha irmã passou muito mal, todos nós choramos de ver aqueles homens, talvez muitos deles arrancados bruscamente dos seios de suas famílias, sendo tratados pior do que animais.

Em dezoito cidades da França os serviços meteorológicos do exército alemão transmitiram para Hamburgo, na sede central, as temperaturas desse dia, aqui em Saint Brice. Fazia cerca de 34 graus.

Consegui dormir em paz depois de duas semanas... (*Lê uma pequena carta para Julia*)

*Fim*

## **Monólogo 5 – A chegada**

### **PRISIONEIRO**

Só eu e esses dois em um trem com 100 pessoas...

“De pé!”

Minha cabeça gira e enxergo tudo embaçado...

“De pé!”

Ouçõ alguém falar comigo, mas não sei se em alemão ou francês... Vejo apenas um vulto... Então esse alguém me ajuda a levantar e diz que me conheceu no embarque. Eu cambaleio, mas consigo me erguer.

“Meu nome é Abade”, diz ele.

Senhor Abade, meus outros dois companheiros estão lá!

“Já verifiquei, estão mortos.”

Mas estavam vivos quando a porta se abriu...

“Estão mortos, vem comigo.”

Quando descemos vi cadáveres por toda parte, aparentemente abandonados há dias no calor.

Patinávamos em notas de dinheiro, moedas, pedras preciosas, jóias e roupas, tinha de tudo no chão.

O cheiro dos corpos em decomposição era insuportável.

Do outro lado da cerca de arame vi soldados bêbados cantando e dançando com algumas mulheres. Somos enfileirados em um burgo de Dachau e marchamos para um destino triste. Os habitantes do local nos observam com hostilidade. Sabemos que estamos dentro do sistema que nos conduzirá as reações animais do instinto de sobrevivência. Somente minha alma me lembra que ainda sou homem.

Garotos atiram pedras em nós, nos insultam. Como estava na beira da coluna vi um deles, menino de seis ou sete anos, louro, pele rosada, que nos mirou com um estilingue e tinha no alto de sua cabeça um boné da juventude hitlerista. Os guardas da SS riam ao ouvir o que diziam os civis e não enxerguei o menor traço de piedade no rosto daquela massa de alemães.

Sou mordido por um cão dos SS e antes que possa perceber sou acertado no olho por uma cusparada vinda das crianças. No meio dessa população enjoada de ver seres humanos em tais condições, mas ao mesmo tempo fascinada pelo desfile de horror, um garoto se aproxima de mim e fala: “Coragem senhor, a guerra em breve acabará.” Se o senhor soubesse como uma coisa dessas pode fazer bem...

E assim fomos trôpegos até o campo. Na entrada vejo a inscrição no meio do portão: *ARBEIT MACHT FREI*; o trabalho liberta.

Lentamente somos registrados por dois secretários com roupas listradas sentados atrás de uma mesa bem velha, todos os detalhes, inclusive o número de dentes de ouro, inescrupulosamente discriminados.

Fomos rotulados, classificados e mandados para nossas seções.

Eis que vejo outra coluna entrar no campo, porém muito distante de nós. Não era como o nosso comboio. Carregavam malas, novidade incrível apesar dos cassetetes dos SS e da gritaria. Foram encaminhados para o prédio da ducha. Porém não em fileiras e sim em uma desorganização pouco comum, e muita brutalidade... Mais tarde saberíamos que aquele banho dos recém chegados seria o último...

Os sobreviventes foram reunidos na praça de chamada ao lado do barracão da enfermaria, vi claramente nos rostos daqueles homens o terror que viveram durante a viagem.

Ouçõ uma pessoa que parece ser superior nas fileiras da SS, perguntar se em algum vagão houve um único sobrevivente. Levanto o braço, ele caminha até minha frente e pede para que eu o acompanhe.

Eu estava todo roto, coberto de pus e sangue, cheirando muito mal. No caminho para o escritório nenhuma palavra foi dita. Assim que entrei logo, sentei em uma cadeira e do outro lado da mesa, uma pessoa que parecia ser o comandante de Dachau. O interprete permaneceu de pé.

Ele pediu para que eu explicasse com detalhes o que tinha ocorrido durante a viagem, eu disse. Ele ficou surpreso e me disse que os guardas do comboio haviam explicado a ele que foram brigas entre gaulistas e comunistas. Falei sobre o calor, a falta de água, asfixia, e a loucura generalizada, ele pareceu sensibilizado. A única palavra que ele falou foi: *DANKE*.

Daquele escritório fui direto para enfermaria. Lá pude tomar banho e ouvi um oficial alemão dizer que dos 2100 que embarcaram, “apenas” 530 morreram...

Ao sair da enfermaria fui pela “Rua da Liberdade”, mais adiante vejo uma inscrição: *SIE, DAB SIE ANMELDEN VERLASSEN ALLE HOFFNUNG*, Vós que entraís abandonai toda a esperança.

Fomos conduzidos para os blocos 21, 22 e 23. Lá recebemos uma sopa especial de cevadinha e uma regalia: um pequeno naco de carne.

Todos tinham na roupa um símbolo de identificação que recebiam ao entrar no campo.

Uma estrela vermelha para os prisioneiros políticos, amarela para os israelitas, verde para os criminosos comuns, rosa para homossexuais, violeta ou lilás para partidários da bíblia, preta com a letra R os russos, só preta para anti-sociais e amarela e preta para cônjuges judeus.

Os 536 cadáveres retirados do trem da morte alimentaram o crematório do campo de concentração de Dachau durante 4 dias.

“Comboios de deportados com destino a Alemanha”:

1940 - 3 comboios  
1941 - 19 comboios  
1942 - 104 comboios  
1943 - 257 comboios  
1944 - 326 comboios

*Fim*

## **PARTE II – CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO**

### **Monólogo 6 - Médico judeu**

#### **MÉDICO PRISIONEIRO**

O Doutor, que depois eu viria saber que se tratava de Mengele, pergunta se na fila existe algum médico. Alguns companheiros imediatamente se apresentam e ele interroga um por um. Eu decido assim como eles sair da fila. Ele me submete a um interrogatório cerrado, perguntando-me onde estudei, o nome dos professores com os quais aprendi anatomia patológica, o lugar em que adquiri meus conhecimentos em medicina legal, e quanto tempo trabalhei no ramo.

As respostas foram satisfatórias porque em seguida separou-me dos outros.

Mengele, após dar as últimas instruções aos SS, entra no carro tomando posição ao volante. Me convida a entrar, e eu o faço, sentando no banco de trás ao lado de um oficial da SS. Durante todo o trajeto nada é falado e eu fico sem saber para onde estamos indo.

O carro para na frente de uma porta blindada do posto da guarda, um suboficial da SS se aproxima e libera o carro para entrar. Percorremos uns 300 metros até chegar por uma rua que passa no meio de vários barracões.

Chegamos a Secretaria do campo. O doutor Mengele faz um sinal a um prisioneiro de cabeça raspada que me acompanha até o terceiro barracão onde logo na entrada vejo as inscrições “banho e desinfecção”, um prisioneiro se aproxima e me convida a me despir. Um barbeiro chega perto e passa um tosquiador na minha cabeça e me envia para a ducha. Secam-me a cabeça com uma solução de cloreto de cálcio que queima terrivelmente meus olhos. Em outro quarto dão-me uma jaqueta quase nova e uma calça listrada. Após mergulharem meus sapatos na mesma solução que jogaram em minha cabeça, os recebo de volta. Fico apenas pensando quantos já usaram essa roupa antes de mim.

Recebo no braço meu número tatuado: A 8.450.

Por hora minha situação não é das piores, o Dr. Mengele espera de mim trabalho de médico.

Já passa de meia noite e eu presto atenção nas palavras do chefe do barracão. Aprendo que o KZ de *Auschwitz* não é um campo de trabalho, mas sim de extermínio do III *Reich*. Aprendo também que os alemães gostam de abreviar tudo, e *Auschwitz* passa-se a ser simplesmente KZ.

Fala-me também da seleção que é realizada em hospitais e barracões. Carregam os caminhões com centenas de pessoas direto para os crematórios. Passo a conhecer a vida nos barracões. 800 mil deportados amontoados nos compartimentos superpostos de cada barracão e muito apertados para tentar qualquer movimento. Para conseguir alguns centímetros a mais eles se esmurram e se mordem, desprovidos de qualquer compaixão. Pois é preciso saber que o sono é interrompido às três da manhã. Os vigias com suas matracas de borracha expulsam os homens de seus catres formando uma fila. Aí vem a parte mais desumana do programa do KZ:

A Chamada.

Todos eles estão em fila de cinco. O encarregado faz colocar na primeira fila os maiores e atrás os menores. Outro guarda que com socos empurra para trás os maiores e torna a colocar os menores na primeira linha.

Eis que sai o chefe do barracão. Está com roupas de prisioneiro, porém limpa e engomada.

Checa se tudo está em ordem. Durante várias horas contam mais de 15 vezes as fileiras; de frente para trás e vice-versa. Se a fileira não está reta todo o barracão fica de cócoras durante uma hora com os braços apontados para o céu. As madrugadas são frias e as finas roupas pouco protegem esses desafortunados. A chamada acaba já de manhã quando chegam os suboficiais da SS. O chefe do barracão passa o número de prisioneiros e os SS passam em revista. Se há mortos nos barracões, e isso há todos os dias, eles figuram igualmente. Ficam de pé no final da coluna, sustentados por dois prisioneiros. Vivo ou morto o efetivo deve estar presente. Acontece que o *kommando* responsável por levar os mortos pode ficar dias sem aparecer, e os mortos tem que estar presentes a cada controle até serem levados e riscados do efetivo.

Em sua totalidade os prisioneiros são esqueletos vivos, desidratados e com os lábios feridos.

E assim vou vivendo dia após dia sem saber quando a morte chegará, pois aqui ela chega para todos, cedo ou tarde.

Sei disso porque o pessoal que trabalha no crematório é chamado de *sonderkommando*, isto é, um *kommando* que faz um trabalho especial.

Eles têm uma ótima alimentação, boas roupas e em troca fazem o pior trabalho. Nunca podem sair do setor do crematório e de quatro em quatro meses quando já sabem demais são liquidados. Essa é a razão de ninguém ter escapado para contar ao mundo o que acontecia no interior desses muros.

As paredes dos crematórios ressoam gritos de morte e horror.

Recebo em minha sala dois corpos com as letras Z e S escritas no peito com giz branco, o que indica que devem ser dissecados. Percebo no pescoço uma mancha negra e espessa: ou se enforcou, ou foi enforcado. No segundo imediatamente percebo que sua morte foi provocada por corrente de alta tensão. É fácil perceber devido à cor da pele, vermelho arroxeadado, em volta das queimaduras superficiais. Fico na dúvida se alguém o atirou contra a cerca eletrificada ou se foi suicídio, ambos os casos são comuns aqui no KZ.

Mengele me pergunta quais os sistemas que conheço para a limpeza perfeita de esqueletos. Respondo que existem duas maneiras: uma consiste em mergulhar o cadáver em cloreto de cal e após duas semanas toda parte mole do corpo é consumida. Em seguida são mergulhados em um banho de essência que dissolve todas as matérias graxas e torna o esqueleto branco e inodoro. O segundo método é o de cozimento. Simplesmente se cozinha os corpos em água fervente até que os pedaços de carne possam facilmente ser separados dos ossos. Em seguida o mesmo banho de essência.

O Dr. Mengele diz para eu aplicar o método mais rápido, o de cozimento.

Explica que tem de mandar dois esqueletos para o museu antropológico de Berlim o mais rápido possível, e se vai.

Os *sonderkommandos* me ajudam.

Consigo duas barricas de ferro inutilizadas no depósito. Embaixo das barricas é montada uma base de tijolos e feita uma fogueira. Os dois corpos são colocados dentro das barricas cheias de água. Dois homens se ocupam em pegar lenha para o fogo. Vou regendo essa orquestra de horrores.

Depois de cinco horas percebo que as partes moles se separam dos ossos. Peço para que apaguem o fogo, mas as barricas devem continuar em seus lugares até a água esfriar.

Vou para minha sala, que está passando por uma reforma e fico por lá. A tarde chega a seu fim e as barricas já devem ter esfriado. Penso em esvaziá-las, quando dois dos homens que me ajudavam entram correndo na sala e fora de si dizem:

“Doutor, os poloneses estão comendo as carnes das barricas.”

Saio correndo e vejo quatro prisioneiros em pé em volta das barricas estupefatos. São os pedreiros que depois do trabalho na minha sala esperavam os guardas para voltarem aos seus blocos. Esfomeados buscaram qualquer alimento no pátio, e foi assim que por acaso viram as barricas sem vigilância. Pensavam que era carne para o *Sonderkommando* que estava sendo cozida. Mal voltamos para o pátio e percebemos os poloneses paralisados de horror ao perceberem a carne que estavam comendo.

À noite o procedimento é o mesmo, os dois corpos são riscados do prontuário.

Um dia repentinamente Dr. Mengele adentra de surpresa a minha sala com mais dois oficiais superiores da SS. Ele me avisa que irá acompanhar a dissecação do cadáver que acabara de chegar. Sou pego de surpresa, fico um



pouco tenso quando percebo nos olhos dos oficiais da SS a curiosidade. Estou passando por um exame diante de um júri perigoso e mortal.

Começo a dissecação. Sucessivamente abro o crânio, o tórax e depois a cavidade abdominal.

Retiro todos os órgãos e menciono tudo que é normal, respondo sem hesitar as numerosas perguntas feitas. Pelos olhares sinto que obtive êxito. Dr. Mengele me dá ordens de estabelecer o laudo da dissecação. Como se esse teste infame não bastasse, descubro ao analisar o coração do cadáver que não é só com gás que se mata no III *Reich*, mas também com uma injeção de clorofórmio no coração, pois descubro um pequeno furo no órgão.

Hoje como não recebi nenhum corpo para dissecar resolvo dar uma volta pelo KZ.

Logo que saio do meu barracão vejo um carro com as insígnias da Cruz Vermelha se aproximar e parar um pouco adiante. O que um carro que representa a salvação estaria fazendo aqui dentro?

Isso me desperta a curiosidade e me aproximo. Do carro desce um oficial da SS e um suboficial que carrega quatro caixas de chapa de estanho verde. No chão, a cada 30 metros existem curtas chaminés de cimento que saem da terra. Ele coloca uma máscara e levanta a tampa da chaminé também de cimento. Abre uma das caixas e despeja seu conteúdo na abertura da chaminé. Dentro da caixa vejo uma matéria granulada de cor roxa. Esse é o Zyklon B na forma granulada, que produz um gás em contato com o ar. Esse gás cai no fundo da chaminé e escapa através das perfurações nas colunas, em 5 minutos todos estão mortos.

O Zyklon B solta em contato com ambiente úmido o ácido cianídrico. Esse ácido destrói a ação dos glóbulos vermelhos e não os deixa renovar o oxigênio absorvidos pelos tecidos, o que provoca morte por asfixia interna.

Aparecem sintomas de paralisia do sistema respiratório acompanhados de náuseas e vômitos.

Assim descubro o que ocorre com cada carregamento de gente. Os carros trazem o gás do exterior, nunca há estoque no crematório. O mais infame disso tudo é o carro com a insígnia da Cruz Vermelha Internacional trazer o gás.

Para ter certeza do resultado, os carrascos que jogam o Zyklon B nas chaminés, esperam mais 5 minutos enquanto fumam, depois voltam para o carro e vão embora. Acabaram de matar 3.000 inocentes.

Volto atordoado para minha sala. Sabia que isso acontecia todos os dias, porém ver tudo acontecer e ouvir os gritos saindo por aquelas chaminés quando abertas, me fez pensar que aquele buraco na terra ia direto para o inferno...

É noite e estou só com meus pensamentos. Acendo um cigarro e tento relaxar. Passo a conviver diariamente com a morte. Ouço um grito horrível que me faz estremecer e logo depois um estalo e algo parecido com a queda de um corpo. Antes de um minuto ouço tudo de novo, conto quase 70 gritos, estalos e quedas.

A cena que acabo de ouvir passa-se atrás da minha sala. Uma sala escura com o chão de cimento. Resolvo ir até lá e ao entrar uma cena indescritível: Vejo espalhados cadáveres de mulheres e jovens. Aproximo-me horrorizado e penso que todas as vítimas estão mortas, mas percebo algumas pessoas ainda vivas movendo lentamente os braços. Levanto uma cabeça e vejo que além da morte com gás e injeção de clorofórmio existe uma terceira maneira de matar: uma bala na nuca.

O orifício de entrada revela pelos meus conhecimentos que é de uma arma de pequeno calibre, pois não encontro o orifício de saída. Infelizmente sou competente na matéria e percebo toda a situação. Essas balas não provocaram a morte instantânea, e foram disparadas, como demonstram as queimaduras na pele, de três a quatro centímetros diretamente no bulbo raquidiano. O projétil se desviou talvez dois centímetros e por isso não causou a morte imediata.

Tomo conhecimento de mais esse episódio sanguinolento e passo a não refletir mais.

Começo a temer por minha sanidade, pois vejo todos os tipos de atrocidades feitas com seres humanos.

Pergunto para um *sonderkommando* de onde vêm essas pessoas, ele diz que vem do setor C, todas as noites são assim.

Então me retiro para o quarto e após o jantar tomo dois comprimidos de Gardenal. Somente assim para adormecer, pois com os nervos esgotados, em tais circunstâncias é a única maneira de poder dormir.

No dia seguinte desperto para testemunhar acontecimentos igualmente terríveis. Vejo um grupo de deportados nus indo em direção à floresta, em duas filas. Caminham escoltados por SS uns 150 metros até uma fogueira que as árvores escondiam. A fogueira é uma fossa de 50 metros de comprimento, 6 de largura e 3 de profundidade, mais ou menos.

Está cheia de corpos queimando. À beira dessa fossa, soldados da SS estão dispostos a cada cinco metros esperando suas vítimas. Com armas de pequeno calibre esperam os *sonderkommandos* ajoelharem suas vítimas na beira da fossa. Os gritos de horror abafam os tiros na nuca. Logo depois, ainda quente, a vítima é lançada às chamas.

Vejo uma cena que custo a acreditar. Um dos carrascos, ao perceber que as balas de sua arma acabaram, empurra a vítima viva na fogueira, ela apenas se debate, eu ouço um grito como nunca havia ouvido antes.

Como médico e testemunha ocular, afirmo que é o assassinato mais abjeto e desumano do III *Reich*.

Descubro que o rendimento da fogueira é de 5.000 mortos por dia, um pouco mais que o crematório, porém a morte é infinitamente pior. Nas fogueiras, morre-se duas vezes: com o tiro na nuca e depois no fogo.

Descubro a cada dia atrocidades que nunca poderia imaginar.

Palavras ou descrições não podem fornecer a ninguém uma imagem do que acontece aqui.

Meus esforços de fotografar com o cérebro o que vejo e gravá-los na memória são vão.

*Fim*

## **Monólogo 7 – Câmara de gás**

### **PRISIONEIRO**

Chegamos! Mas onde? Que lugar é esse?

Percebo que somos selecionados pelo sexo, um soldado da SS separa homens de um lado e mulheres e crianças do outro. O grupo unido que formamos é dividido em dois. Somos tomados pelo medo, incerteza e angústia. Os guardas respondem às nossas perguntas em tom paternal e de boa vontade. Levam-nos para tomar banho, é o costume. De repente cada um torna a encontrar algum membro de sua família, vejo muitos chorarem e se abraçarem. Durante a seleção composta por cerca de 4.000 pessoas tenho tempo de olhar ao meu redor com mais calma e vejo uma grande chaminé quadrada de tijolos vermelhos que vai afinando para o cume.

Parece uma chaminé de usina e a labareda que sai dela é enorme. O que mais me impressiona é que essa usina trabalha a todo vapor, cinzas caem a todo tempo sobre a gente como se fosse neve, uma neve cinza. A cor predominante no campo... Tento adivinhar que cozinha existe ali para precisar de um fogão tão grande.

Um pouco mais longe percebo um segundo edifício com outra chaminé. Em um pequeno bosque quase escondido descubro um terceiro cuja chaminé expele a mesma fumaça. A paisagem fica cada vez mais cinza, e só é parcialmente limpa pela brisa que leva uma parte das cinzas para longe.

Meu nariz e minha garganta são atingidos por um odor nauseante de carne e cabelos queimados.

Em colunas homens, mulheres, velhos e crianças desfilam diante de alguns médicos sentados em pequenas mesas, um deles olha minha arcada dentária e diz que está surpreso por eu não ter nenhum dente de ouro. Pede para que eu me abaixe de cócoras e levante. Ao fim ficamos separados em duas colunas. Doentes que não conseguem andar e alienados são carregados pelos carros da Cruz Vermelha. Os carros partem e os perdemos de vista.

Um médico que parece ser o chefe pergunta se existem médicos na fila, e pede para que os mesmos saiam dela. Uns 50 se apresentam, e um por um são interrogados por essa figura obscura.

Ao final, ele separa um médico e conversa longamente com ele. Os outros voltam para fila.

Quando a seleção termina os oficiais da SS gritam que é chegada à hora do banho, que ambas as filas irão para os banhos em diferentes setores do campo.

Somos acompanhados por guardas da SS para um lado e o outro grupo de deportados vai para o lado oposto.

Avançamos por cerca de 200 metros pela lateral dos trilhos até uma rampa de ferro de dez ou doze degraus subterrâneos que levam a uma sala. Na porta está escrito "Banhos e desinfecção" em vários idiomas, nesse momento percebo o alívio nos rostos de meus companheiros.

Descemos as escadas quase que alegremente. A sala tem cerca de 200 metros de comprimento, paredes brancas e bem iluminadas. No meio da sala há colunas. Em volta delas e ao longo das paredes, bancos e cabides numerados. Nos despimos e penduramos as roupas nesses cabides e amarramos nossos sapatos juntos.

Vejo uma placa avisando para memorizarmos o número do cabide que utilizarmos, para na volta não haver confusão. Os nazistas são extremamente organizados. Há 800 pessoas na sala. Homens, mulheres e crianças, algumas de colo, todos ficamos completamente nus depois de dez minutos.

Um SS atravessa a multidão e abre os dois batentes da grande porta de carvalho no fundo da sala. A multidão é escoada para outra sala praticamente igual a primeira, somente sem bancos e cabides.

Uma ordem ressoa para que os SS e os *Sonderkommandos* saiam da sala, eles obedecem e a porta se fecha.

Ouvimos um ruído de carro e um silêncio profundo. Somos tomados novamente por dúvidas.

As luzes se apagam.

Todos são tomados pelo desespero. Ouço crianças de colo chorando; velhos rezando e acreditando que sua fé irá lhes salvar da morte certa; mulheres consolando seus filhos, os colocando para dormir...

Sim, como não percebi antes o nosso destino... Quando fomos separados formaram-se duas filas, a outra formada por homens e mulheres válidos, capazes de trabalhar... Percebi que éramos conduzidos à morte tarde demais.

No meio da sala, de 30 em 30 metros mais ou menos, existem colunas de cimento, mas não são colunas de sustentação, e sim tubos quadrangulares de folhas-de-flandres perfuradas em todos os lados como uma grelha.

Ouço um barulho vindo dessas colunas, algo parecido com grãos de arroz caindo dentro delas... E de repente o gás... As pessoas se debatem, brigam, sobem umas em cima das outras, para viver alguns minutos mais... Eu apenas aceito meu destino. Meus olhos ficam irritados, minha garganta abafa, tento mover pés e mãos para os lados e começo a ter convulsões.

Não me resta mais nada, só espero que a carta que entreguei naquele vilarejo chegue para minha amada...

Aspiro por duas vezes o gás, caio com a face em uma poça de água no chão de cimento... Ainda sinto um corpo caindo por cima de mim... Júlia eu te amo...

*Fim*

## **Monólogo 8 - Médico nazista**

### **MÉDICO DO CAMPO**

Mais um dia de trabalho. Levanto por volta das sete horas e calmamente tomo meu banho bem quente, pois faz bastante frio aqui, o inverno é rigoroso esse ano.

Após, faço meu desjejum: café preto bem forte, pão e um pouco de geléia de morango.

Visto meu jaleco branco, ponho em volta do pescoço meu estetoscópio e pego minha pequena bolsa. Recebo a informação de que hoje chegará um novo carregamento. Dirijo-me para o pátio onde em breve os prisioneiros do campo serão avaliados fisicamente. Lá encontro com outros companheiros de profissão e rapidamente conversamos com o *herr kommandant*, que nos informa para separarmos os doentes e assim liberar espaço para a nova carga que chegará em breve. Sentamos em nossas mesinhas simples de madeira para iniciar nosso trabalho.

Tanto homens quanto mulheres se despem e passam correndo na nossa frente. Examino alguns homens, peço pra eles abaixarem e levantarem. Examino a arcada dentária, fico surpreso com um em especial, um judeu sem nenhum dente de ouro, algo raro para esse povo. Analiso também, e principalmente, se ainda estão corados e nutridos, para avaliar os que podem continuar trabalhando e os que serão eliminados.

Esse mesmo procedimento é aplicado aos deportados recém-chegados.

De repente irrompe por todo o pátio através dos auto-falantes uma música de ninar, alguns soldados riem e ficamos sem entender, olho para os meus companheiros e vejo que a dúvida é geral. Até que de trás de um barracão aparecem alguns soldados conduzindo um pelotão de crianças para os caminhões de carga. Um dos soldados nos diz que as crianças de nada nos servem e serão levadas para as câmaras de gás do outro lado do campo, pois assim teremos mais um alojamento de 3000 lugares vazio.

Os prisioneiros quando percebem que seus filhos estão sendo levados para o extermínio correm em direção aos caminhões já em movimento e o caos se instala no pátio. Para a nossa sorte a seleção já havia terminado.

Homens e mulheres gritam, choram, caem e são pisoteados, ouço e vejo os soldados atirarem na massa descontrolada, até que conseguem controlá-los.

Quando a ordem volta ao pátio encaminhamos os doentes para as câmaras de gás e, como está no regulamento, um médico tem de acompanhá-los. Hoje é minha vez. Em grupos de 800 eles entram. Mulheres em sua maioria, algumas crianças que não couberam nos caminhões, idosos, deficientes e inaptos ao trabalho. Vejo crianças chorando, muitos gritando, rezando, porém não me comovo, trabalho é trabalho.

Assisto lentamente os prisioneiros sendo mortos pelo gás Zyklon B, e percebo depois de 20 minutos um silêncio quase total, a não ser pelo barulho que sai do peito dos agonizantes sufocados pelo gás. Um ruído abafado, como um zumbido de uma colméia. Tudo que vejo é através de um visor que recentemente foi instalado na câmara de gás.

Então os aparelhos elétricos de ventilação são ligados a fim de eliminar o gás. Mas nas fendas, no meio dos mortos sempre fica um pouco, isso provoca uma tosse sufocante. É por isso que o primeiro grupo de *sonderkommandos* que entra usa máscara.

Quando a porta se abre os corpos são retirados pelos *Kapos*. Percebo que os corpos não estão espalhados pela sala deitados, mas sim empilhados quase até o teto. A explicação é simples: O gás invade primeiro as camadas inferiores do ar e lentamente sobe. E isso faz com que os infelizes se pisoteiem e trepem uns sobre os outros, pois subir nessa montanha humana e atingir o seu cume significa alguns minutos a mais de vida. Se conseguissem raciocinar perceberiam que estavam pisoteando seus filhos e parentes. Mas seus gestos são apenas reflexos de instinto de sobrevivência.

Embaixo do monte de cadáveres encontram-se os bebês e crianças, as mulheres e os velhos, no topo as mais fortes, com os corpos cobertos de arranhões por causa da luta. Muitas vezes estão abraçados.

O nariz e a boca sangrando e o rosto inchado, roxo e deformado, fazem com que fiquem irreconhecíveis.

Outros estão de pé, como colunas de basalto.

Os *sonderkommandos* separam os corpos enlaçados após jogarem um jato de água para limpar a sujeira causada pela defecação involuntária. Atam correias aos punhos fechados e arrastam os corpos molhados até o elevador

da sala vizinha. Lá funcionam quatro elevadores que sobem com 25 cadáveres por vez. Sobem para o incinerador e diante do forno dois homens com ferramentas para arrancar os dentes de ouro. Os dentes são colocados em um balde de zinco cheio de ácido sulfúrico que queima as partículas de carne.

Calculamos que diariamente de 8 a 10 kilos de ouro são reunidos.

Os cadáveres queimam em 20 minutos em grupos de três. Existem 15 fornos o que dá uma média de 5.000 corpos queimados por dia. Após as cinzas são levadas de caminhão e despejadas no rio Vístola a dois quilômetros daqui.

Porém é detectado um problema: eles não são queimados totalmente, naturalmente esse é um problema de ordem técnica e logo deverá ser solucionado.

Não me causa incomodo algum trabalhar em um lugar em que milhares de seres humanos são mortos em câmaras de gás, é algo que a gente se acostuma bem rápido.

Prossigo com meu dia de trabalho e dou continuidade aos experimentos que antes fazia em coelhos. Inoculo o vírus da malária em um detento. Costuramos duas pessoas juntas para formar siameses artificiais, submergimos pessoas em água gelada para testar os limites da resistência humana. Os resultados desses experimentos são todos insatisfatórios, mas esperados: a morte das cobaias.

Mando o relatório para *Doktor Mengele*.

Os prisioneiros que morrem nessas experiências médicas são enviados para serem reaproveitados. Retiram os dentes de ouro dos mortos e em alguns casos usamos a gordura dos corpos pra fazer sabão e *abat-jours* com suas peles, o cabelo serve para confeccionar meias para os tripulantes de submarinos e pavios de bombas.

Após o almoço recebo uma encomenda de *Doktor Mengele*. Ele me enviou uma caixa de chocolates, sabendo que eu sou grande apreciador dessas maravilhas e pede gentilmente que eu examine o material recebido. Ao abrir a caixa vejo que ele me mandou alguns pedaços de corpos. Vísceras e a cabeça de uma criança que devia ter não mais de 12 anos.

Logicamente que não podemos qualificar essa escória abominável de prisioneiros vindos do leste europeu como seres humanos.

Talvez em um futuro não muito distante as pessoas julguem esses atos como desumanos, imorais, mas somente os visionários é que vão enxergar que estamos agindo dessa maneira para a evolução da medicina, da ciência e da raça ariana.

*Fim*

## **Monólogo 9 - Medico judeu parte 2**

### **MÉDICO PRISIONEIRO**

Uma noite o chefe do *kommando* dos gases quase arranca a porta do meu quarto para dizer que na separação dos corpos encontrou no fundo de um monte um homem vivo.

Corro com meus instrumentos médicos para a câmara de gás e ao entrar percebo um corpo sacudido por convulsões. Os homens estão agitados, pois semelhante fato nunca tinha acontecido até então. Tiramos o homem da câmara e o levamos para sala ao lado. Tiro a seringa e aplico em seu braço três injeções sucessivas, ele respira com extrema dificuldade. Aquecemos seu corpo com casacos de lã de alguém que acabou de morrer na câmara de gás. Depois de tomar um gole de chá, ele tem um acesso de tosse e abre os olhos, fica olhando o teto com um olhar fixo. Cada vez mais a respiração se torna regular e profunda.

Com o efeito das injeções ele recupera-se. Olha ao seu redor surpreso, não percebe o que acabara de lhe acontecer e não tem percepção do presente. Tudo aconteceu muito rápido, talvez se lembre vagamente do trem que veio, de que teve de se despir e entrar na câmara de gás. Repentinamente ele agarra o colarinho da minha camisa e começa a gritar um nome: Julia. Depois de alguns minutos se acalma e começa a chorar copiosamente. Acho que se lembrou de onde estava há pouco.

Nós o alimentamos e o colocamos para dormir.

Porém isso nos causa outro problema, o que fazer com ele?

Sei que daqui ninguém sai vivo. Não tenho muito tempo. Logo que penso no que posso fazer, chega o comandante do crematório número 1, *Oberscharfuhrer* Mussfeld para controlar os trabalhos. Ele logo percebe um homem deitado no banco. Um dos homens lhe reporta o que aconteceu. Tentei falar com ele, porém é muito difícil salvar alguém dentro de um campo alemão. Minha estada de três meses no mesmo campo criou certa intimidade entre nós. Sei que os alemães apreciam as pessoas capazes enquanto precisam delas e respeitam certas medidas dentro do KZ. Ele sabe que meu chefe é Mengele, uma pessoa temida por aqui e um dos maiores representantes da ciência alemã. Espero que ele também respeite minhas qualidades de médico legista.

Várias vezes vieram até minha sala e conversamos sobre política e outras coisas. Conto tranquilamente ao *Oberscharfuhrer* o terrível caso há pouco ocorrido, descrevo-lhe o sofrimento e que só sobreviveu porque depois de aspirar um pouco do gás deve ter caído com o rosto contra o cimento molhado do piso. Foi essa pouca umidade que impediu a asfixia. O gás zyklon B não tem ação em meio úmido.

Peço que faça algo por esse homem e ele me pergunta como que eu quero resolver essa questão. Sinto que o coloquei diante de um frágil problema. Digo que poderíamos infiltrá-lo em algum grupo de operários e ele iria para um dos barracões. Ele me diz que se acontecesse isso certamente o homem contaria a todos e a notícia se espalharia rapidamente, pagaríamos todos com nossas vidas.

Ele diz que não há nada a fazer, o homem não deve viver. Sendo tudo como é, devo confessar que ele tinha razão. Meia hora depois o homem foi levado ao hall da sala dos fornos e Mussfeld enviou outra pessoa em seu lugar para matá-lo com uma bala na nuca.

Certa manhã eu dissecava um corpo de um senhor de uns 65 anos e encontrei na vesícula biliar alguns cristais de cálculos. Os guardei e entreguei ao Dr. Mengele que apreciava esses cristais.

Como ele entrou cantando em minha sala e estava de bom humor, decidi pedir-lhe que tornasse possível um encontro meu com minha esposa e filha. Somente depois percebi o pedido ousado que fiz. Ele olhou-me surpreso e perguntou:

“Pensa você que elas estejam aqui?”

Sim *Herr Hauptstumfuhrer*, creio que sim. Ele estava sentado e com a cabeça inclinada, pareceu refletir sobre o assunto.

Vou dar-lhe um passe para procurá-las, mas... E fez o sinal de silêncio com o dedo na boca.

Agradei e logo em seguida ele pôs a escrever. Volto extremamente feliz para o meu quarto e leio o que está escrito na carta:

O número A 8.250 está autorizado a circular pelo campo sem guarda no território do KZ de *Auschwitz*. Assinado Doutor Yossef Mengele.

Não sabia por onde começar. As mulheres estão nos campos C, B 3, F, K, L, e algumas em *Birkenau*.

No dia seguinte me levanto sem ter descansado, três meses é muito tempo aqui dentro, muita gente morreu em três meses.

Resolvo começar por *Birkenau* e ando mais ou menos 4 km até o campo, chego diante de uma porta de ferro gigante. Ao lado da porta, o posto de guarda. Um SS logo nota a minha presença e apenas me olha. Anuncio-lhe o meu número e mostro a carta de autorização. Após ler ele me pergunta até que horas pretendo ficar. Eram 10 horas. Respondo: “até meio-dia”.

Nesse campo vejo um grupo de mulheres carregando uma barrica cheia de sopa, aqui a refeição do meio dia começa a ser distribuída às 10 horas. As partes visíveis do corpo estão cheias de ulcerações, elas caçam pulgas pelo corpo e todas têm os cabelos raspados.

Percebo o estado lastimável das prisioneiras: a falta de albumina na alimentação tornava as pernas pesadas; as regras mensais cessavam e a falta de vitamina B provocava uma sonolência, uma amnésia parcial até quase esquecerem os próprios nomes; os olhos ainda estavam vivos mas sem o brilho da vida por causa dos sofrimentos corporais e morais.

É daqui que saem os comboios para trabalhos em campos afastados.

No primeiro barracão todas as mulheres gritaram ao me verem. E as que chegaram perto perguntavam a respeito de seus filhos e maridos. Porém não reconheço minha mulher e filha.

Mas elas não conservam mais a aparência humana, começam a perguntar se é verdade sobre o crematório, se queimam os prisioneiros; nego tudo e saio sem informações sobre minha mulher e filha.

Peço a uma vigilante que entre no segundo barracão e grite os nomes delas, porém ela retorna e fala que ninguém se manifestou; nesse barracão tinham entre 800 e 1000 mulheres.

Uso esse procedimento nos próximos dois barracões.

Para minha surpresa vejo a vigilante bem de longe voltar com duas pessoas... Meu coração quer sair pela minha boca!

A vigilante as traz para fora, e com os olhos arregalados de medo aproximam-se, nos abraçamos e beijamos. Elas nada falam e apenas choram suavemente. Tento consolá-las, mas logo toda multidão nos cerca.

Peço então à vigilante que nos conceda um instante a sós em um quarto.

Elas me contam as tristes experiências no campo, as temidas seleções que escaparam, a fome incessante, de como suas roupas nunca secam devido às chuvas e como não podem dormir porque no seu compartimento há lugar para sete pessoas e doze estão ali amontoadas.

Minha filha sempre aparentou ter mais idade do que realmente tem e acho que foi isso sua salvação. Ela me conta que dorme no cimento, pois ninguém lhe cede um lugar. Conto o que faço e as tranquilizo dizendo que tentarei voltar



no dia seguinte. Levei para elas remédios, vitaminas, tabletes de açúcar, manteiga, geléias e pão. Fui durante alguns dias ao campo C, porém tudo tem um fim.

Após duas semanas de idas ao campo C, o acontecimento que eu temia chegou.

O Dr. Mengele em minha sala conversava com o Dr. Thilo quando anunciou: “Não estou mais em condições de alimentar as prisioneiras do campo C, elas não trabalham!

“Vou liquidá-las nas próximas duas semanas.”

Aquela decisão veio como um soco no estômago e eu tinha que fazer algo, mas como?

Só penso em agir... Imediatamente.

Vou direto para o escritório que dirige a incorporação para trabalho forçado dos prisioneiros de origem estrangeira. Eles que escolhem e distribuem por todo o *Reich* a mão de obra forçada para as usinas de guerra.

Encontro-me com o chefe do serviço e lhe mostro o passe que tenho e me apresento. Explico a situação de minha mulher e filha e peço que as enviem para o mais longe daqui porque sei o destino das prisioneiras do campo C.

Ele promete me ajudar e diz que essa semana 3.000 mulheres irão para o oeste da Alemanha.

Dou-lhe uma caixa de cigarros, algo de extremo valor nos campos. Ele pede que na seleção ambas se apresentem. Corro para o campo C, mas será difícil fazê-las compreender que tem de sair daqui, não posso lhes contar a verdade, pois isso certamente causaria pânico. Novamente vamos ao quarto e falo que por mais difícil que isso possa parecer elas tem de ir embora, que terão de se apresentar na seleção e para avisar as conhecidas delas. Poucos trocam suas vidas inativas no campo de quarentena para ir trabalhar em serviços pesados, por isso acho que elas não terão dificuldades de se apresentar.

Dois dias depois levei agasalhos e os entreguei pela cerca para não despertar o interesse dos SS da entrada. Mal pude abraçá-las. Disseram-me que foram aceitas e partiriam hoje à noite. Fiquei contente que pelos conselhos de minha mulher as voluntárias foram numerosas.

“Meu pobre amigo, tu médico erudito, homem de delicada sensibilidade, doce e frágil, em lugar de aliviar e curar os doentes entrastes a serviço da morte e habitas seu império. Tu és testemunha ocular há longos meses de tragédias e horrores tais, que teu espírito não poderia evocá-los sem desfalecer e tais que um homem que não os veja não pode neles crer. Não é um mal que teus nervos te tenham abandonado e que um véu de esquecimento cubra-te o cérebro. Pelo menos não terás de saber o que vai te acontecer.”

*Fim*

## **Monólogo 10-Construindo Auschwitz**

## RUDOLF FRANZ FERDINAND HOESS

Recebi uma educação muito severa. Soube que meu pai havia feito promessa de fazer tudo para que eu entrasse para uma ordem religiosa e, ele próprio, de guardar castidade no casamento. Ele me educou para que eu fosse padre. Eu devia continuamente rezar, ir à igreja e fazer penitência pela menor falta cometida. A adolescência foi dividida entre o amor a Deus, o dever, o espírito de sacrifício e a procura de um ideal.

Quando eu tinha 13 anos, aconteceu um incidente que veio abalar minhas convicções religiosas. À noite meu confessor, que era muito amigo da família, veio nos visitar e na manhã seguinte fui severamente repreendido e castigado pelo meu pai que me acusava de não lhe ter contado um delito. Eu estava transtornado com o abuso de confiança do meu confessor. Não nos haviam ensinado sempre que o segredo da confissão era inviolável, abrangendo mesmo até os maiores crimes? Minha confiança na santidade do clero estava abalada, surgiam as primeiras dúvidas em minha alma.

Na Primeira Guerra trabalhei nas fileiras da Cruz Vermelha. Com lágrimas nos olhos transportava os feridos que chegavam do front, tratava deles, reconfortava-os. Cheguei a lutar na Grande Guerra. Alguns meses depois retornamos a Alemanha.

Em 1923 eu e alguns amigos executamos um espião comunista. Sou preso e condenado a 10 anos de prisão, porém cumpro seis anos de pena. Recebi um convite de Himmler em meados de 1934 para que eu entrasse para os destacamentos ativos dos SS. Minha aprendizagem começou em *Dachau*, era encarregado das execuções.

*Ranienburg*: aprendizagem de administração; e, finalmente, *Auschwitz* aprendizagem da morte em escala industrial. O crime absoluto.

Frantz Zunker professor de Universidade de *Breslau* foi encarregado da missão pelo serviço de inspeção dos campos de concentração. Por 48 horas ele se instalou na tranqüila aldeia de Auschwitz. Ele sabia que a SS estava impaciente para reagrupar em um pequeno campo os prisioneiros poloneses.

Auschwitz é inútil. Essa bacia pantanosa contornada pelo Rio Vistula nunca será outra coisa além de um pantanal. Toda água é imprópria para consumo. E ele se pronunciou contra a implantação de um campo.

Fora da cidade existem casernas inutilizadas e que correspondem a todas as exigências. Estradas e ferrovias passam por este território.

Fiz uma visita por essas terras em Abril de 1940. Vi nesses campos lamacentos minha grande chance de me tornar Chefe de Campo. No dia 26 de Abril de 1940 fui nomeado comandante do campo de concentração de *Auschwitz*. É certo que a criação e desenvolvimento desse campo precedem mais do empirismo e do pragmatismo do que da premeditação. É provável que sem mim, *Auschwitz* jamais seria *Auschwitz*.

Tinha de transformar no prazo mais curto um campo cujas construções estavam em ruínas em um conjunto para assegurar a permanência de 10 mil prisioneiros. Na Polônia não era possível encontrar muitas coisas. Era muito mais fácil construir um campo inteiramente novo do que reformar essas ruínas.

Junho de 1940.

Os primeiros comboios começam a chegar. Esse campo muito comum, em nada se distingue dos centros de reeducação implantados nos diversos territórios do novo Grande *Reich*. Os que chegam são postos na construção dos blocos.

O internato dos campos era apenas um meio de obter a mão de obra necessária. Todo prisioneiro devia servir as necessidades da Guerra e todo comandante devia utilizar seu campo com essa única finalidade. Segundo a vontade do *Führer*, *Auschwitz* estava destinado a tornar-se um imenso centro de material de guerra. Não se tratava mais de aumentar o antigo campo para nele receber 30 mil deportados: também era preciso instalar um campo para 100 mil prisioneiros de guerra. Esses números eram completamente novos na história dos campos de concentração.

Durante o verão de 1941 fui chamado a Berlim pelo *Heichführer* para receber suas instruções. Ele me disse que o *Führer* havia ordenado que se colocasse em prática a solução final do problema judaico. Pois, cedo ou tarde os judeus destruiriam o povo alemão. Meu campo foi escolhido devido ao acesso fácil por estrada de ferro.

Recebi uma carta do chefe do serviço administrativo dizendo o seguinte:

“A guerra transformou o papel dos campos de concentração em relação aos prisioneiros.

Deixa de ser prioritária a guarda deles. O comandante do campo é responsável pelo trabalho efetuado por eles. Esse trabalho deve ser exaustivo para que se possa atingir o máximo de rendimento. O tempo de trabalho não é limitado, sua duração depende da organização de cada campo. Tudo que possa diminuir a duração desse trabalho – como período de refeições, chamadas e etc. – deve ser reduzido ao mínimo possível. “É proibido pausas ao meio dia, tendo como única finalidade as refeições, qualquer que seja sua duração.”

*Auschwitz* fica há 3 km da cidade. Todos os habitantes da periferia foram evacuados em cerca de 8.000 hectares. No campo só entram SS ou portadores de um passe especial.

Até 1944 certas operações foram executadas em certos países da Europa.

No começo, dois ou três trens com 2.000 pessoas chegavam diariamente.

Muitas das pessoas que moravam por perto, e eventualmente observavam a chegada dos comboios, nunca imaginariam do que se tratava.

Até porque nem todos que chegavam eram destinados à destruição. Alguns saíam como mão de obra. E os vagões eram fechados de tal maneira que era impossível saber o que tinha dentro.

Obviamente que quem chegava nesses comboios não sabia o que lhes esperava.

Todas as providências eram tomadas para deixá-los sem saber o que viria a seguir. Todas as portas e muros exibiam inscrições destinadas a fazer-lhes crer que eram levados para a ducha.

Eram os *Kapos* que repetiam para eles o que aconteceria, enganando-os.

Antes do campo foi pensado em uma emigração em massa nas províncias dos territórios conquistados e uma deportação maciça de quatro milhões de judeus para a ilha de Madagascar.

Segundo a vontade de Himmler, *Auschwitz* estava destinado a se tornar o maior campo de extermínio em massa de toda a história da humanidade. Durante sua visita, me deu a ordem de tornar *Auschwitz* uma instalação destinada ao extermínio em massa e me encarregou dessa operação. Disse que experimentos para matar doentes, feitos nos institutos de eutanásia na Alemanha e Áustria, tinham sido um sucesso e que seriam implantados nos campos dentro em breve.

Eu não podia imaginar o tamanho desse empreendimento e do efeito que ele produziria.

*Fim*

### **Monólogo 11 – Um dia a mais**

*Música: Borgermoorlied. Poderá ser cantada no início ou fim da cena.*

Onde pousa o olhar  
Só se vê pântano e charneca  
O canto dos pássaros não nos alegra,  
Os carvalhos são calvos e mirrados,  
Somos os soldados de *Borgermoor*  
E nós marchamos  
A enxada ao ombro  
Dentro do pântano.

Aqui, nesta charneca deserta  
O campo foi construído  
Estamos amontoados atrás de arame farpado  
Longe das alegrias.  
Somos os soldados de *Borgermoor*  
E nós marchamos  
A enxada ao ombro  
Dentro do pântano.

As colunas partem pela manhã  
Para o trabalho no pântano  
Cavam debaixo do sol ardente  
Mas seu pensamento está no lar.  
Somos os soldados de *Borgermoor*  
E nós marchamos  
A enxada ao ombro  
Dentro do pântano.

Todos sentem saudades de casa,  
Dos parentes, das mulheres, dos filhos,  
Muitos peitos se enchem com um suspiro  
Porque aqui somos prisioneiros.  
Somos os soldados de *Borgermoor*  
E nós marchamos  
A enxada ao ombro  
Dentro do pântano.

As sentinelas fazem as rondas,  
Ninguém, ninguém pode passar.  
A fuga custaria nossas vidas.  
O burgo está rodeado por quatro cercas.  
Somos os soldados de *Borgermoor*

E nós marchamos  
A enxada ao ombro  
Dentro do pântano.

Mas nenhuma queixa em nossos lábios,  
O inverno não pode ser eterno,  
Um dia gritaremos com alegria:  
Oh, minha casa, torno a ver-te.  
Então os soldados de *Borgermoor*  
Não mais marcharão  
A enxada no ombro  
Dentro do pântano.

### **FRANÇOIS MAOUS** (*prisioneira de campo feminino*)

Vivíamos em barracões construídos para uns 300 prisioneiros, porém éramos amontoadas centenas e às vezes um milhar, sem cobertores, diretamente nas tábuas. Quando havia falta de espaço, os prisioneiros passavam a noite no relento.

Não havia luz. As divisões eram de tábuas colocadas em três andares de um metro de altura. Parecia uma gaiola. Pranchas de madeira dividiam as *coyas*.

Cada *coya* tinha de largura e de profundidade cerca de dois metros, e um de altura. Cada um abrigava de cinco a sete mulheres. Por isso 1800 mulheres morreram no primeiro mês.

Dois dias após a chegada recebemos a primeira refeição: um líquido castanho insípido que chamávamos de café. Ao meio dia a sopa era distribuída. Tinha um cheiro enjoativo e somente tapando o nariz é que comíamos.

À noite recebíamos a ração diária: 200 gramas de pão. Tinha muita serragem nele, o que irritava nossas gargantas.

Esperamos todas nuas em filas de cinco.

Um simples olhar, um sinal e as mulheres da SS chegam para garantir a ordem. Gritos invadem nossos ouvidos, gritos daquelas que estão do lado da morte. Dentro de breve será minha vez. Eu belisco as bochechas para deixá-las coradas, endireito minhas costas sempre curvadas e não sou selecionada. Hoje... Apesar dos guardas, forma-se uma confusão. Algumas selecionadas infiltram-se em nossas fileiras esperando escapar. Os guardas as procuram entre nós. Mas como reconhecê-las? Eles se dirigem às mais magras, eu tremo. Retiram várias mulheres de nossa fila. Aos poucos a ordem é restabelecida, graças a Deus porque ameaçavam fazer a seleção novamente.

Ao partirem para os caminhões, uma delas subitamente me diz:

“Nós apenas precedemos vocês, até breve...”.

Às três horas começava a chamada. Saíamos debaixo de nossas cobertas úmidas, mas onde o corpo acumulou um pouco de calor, e debaixo de pancadas nos enfileirávamos em filas de cinco e lá ficávamos ao relento. Venta, não sinto mais os pés e as mãos. Ouço alguém dizer que sente frio, mas do que adianta? Essa frase já não faz mais sentido. Esse tipo de frase que era tão comum na terra de nada vale aqui.

Algumas horas depois partimos para o campo de trabalho. Não comemos nada de manhã.

Às vezes as chamadas duravam doze horas.

Então marchamos! Mais de mil mulheres. Andamos quase 8 km entre a ida e a volta.

Uma força imensa é feita todos os dias para chegarmos e não se pode cair, esse ato pode significar a morte...

Uma sede penetrante me devora, corro para beber a água gelada e amarga que me dá mais sede ainda.

A ração de pão terminou ontem. Como nos manteremos de pé na estrada? E depois?

Depois que todas as roupas eram recuperadas pelas Canádas e eram remetidas para a Alemanha, sempre sobravam pedaços de trapos velhos que não serviam para nada. Devíamos formar tranças unindo os trapos pelas pontas. Parece que essas tranças serviam para limpar as bocas dos canhões. Cada mulher devia trançar por dia 20 metros, uma metragem impossível de ser alcançada. Elas deviam ser resistentes e nunca romper. Nossa jornada durava quase sempre 13 horas. Os *Kapos* vigiavam nosso serviço, e se percebiam qualquer anormalidade, anotavam o número da prisioneira.

Ao chegarmos havia uma chamada das consideradas preguiçosas, elas sumiam para sempre.

Nunca sabíamos se seríamos chamadas, pois não conhecíamos o critério para entrar na lista.

Vejo minhas amigas enfraquecerem e irem para o *revier* e nunca mais saírem. A diarreia piora e nosso emagrecimento se acentua, é algo horrível de se ver. Tornei-me um farrapo fisicamente e moralmente.

Aterrorizada, já há alguns dias percebo que meus pés estão gelados.

Começou com um inchaço, achei que o edema era causado devido há falta de vitaminas, e assim não aceitava a verdade. Sinto uma sensação de peso dolorosa. O inchaço aumenta diariamente, os pés estão arroxeados. Tenho que andar dentro da água, nada de neve por horas, mas uma lama tão densa, tão pegajosa que sou obrigada a arrancar o pé do chão a cada passo.

Não tenho coragem de ir para o *revier*; com minha diarreia e meu pé nesse estado não sairia mais de lá. Porém é uma idéia freqüente em meus pensamentos. Somente sinto meu sofrimento, não tenho mais sede, não tenho mais frio, não tenho mais fome...

Voltamos do trabalho, agora é a vez da chamada.

Chega o inverno... O gelo, a geada na estrada. Escorregamos, caímos.

Os boatos invadem o campo como nunca, dizem que a ofensiva russa, minha única esperança, continuava a avançar. Porém não temos coragem de acreditar, mas confirmando esses boatos os alemães pensam pela primeira vez em evacuar todo o campo. Aí me vem à cabeça o terrível pesadelo dos transportes de trem. Todas nós novamente trancadas em um trem de gados.

Tenho horror dessa viagem para o desconhecido que não acredito que possa ser melhor. Vivi em *Birkenau* e apesar de tudo não há nada que prove que aqui será pior. Tenho que viver um pouco mais. E se os russos realmente se aproximam, é preciso ficar aqui.

Uma moça que deu à luz a um bebê maravilhoso teve de tomar coragem e decidir matar a criança com o resto de gardenal que tinha, pois se a criança fosse encontrada por um oficial que fazia o controle diariamente seria queimada viva junto com a mãe. Depois foi preciso sumir com o corpo.

Mas esse não era o único fim que crianças de todas as idades tinham. Uma noite chegou até nós uma fumaça mais acre que a de sempre, o ambiente estava mais pesado que o normal. Logo soubemos da tragédia: como faltou gás os SS haviam ordenado as *kommandos* do crematório que cavassem trincheiras. Jogaram ali as crianças banhadas de gasolina e queimaram-nas vivas.

Certa manhã um homem bem trajado entra em nosso bloco e grita por duas mulheres, rapidamente nos levantamos e começamos a questioná-lo a respeito dos ataques russos. O seguro pelo braço e pergunto quem ele está procurando, ouço apenas: “Minha mulher e filha.” Logo a multidão nos separa e pouco depois ele se vai sem achá-las.

Esta noite saímos mais sujas e esgotadas do que nunca do trabalho. E mais cedo do que o normal. Começamos a voltar por um caminho esquisito, para onde estão nos levando?

Ouvimos vozes das SS gritando que vamos para as duchas.

Reconheço o vilarejo dos crematórios e o pavor se apodera de meu corpo frágil. Eis aqui: Na frente da sala das duchas. Pelo menos é o que parece.

Todas entram nuas na sala, as portas são fechadas e de repente as luzes se apagam. A gritaria é geral, começo a chorar, tenho certeza de que minha vida chegou ao fim.

Então a luz volta; a água cai em nossas cabeças, uma água quente e reconfortante.

Chegando ao campo temos a agradável surpresa de ter de ficar ajoelhadas na água até a noite, sem comer, parece que devemos isso a algumas húngaras que apavoradas diante da sala de duchas tentaram fugir. Estamos de joelhos, os braços erguidos, sob a chuva que começa a cair. Duas horas depois termina o castigo e entramos para nosso bloco.

Na minha *coya* ao tirar os trapos que me servem de meias, percebo que meus pés literalmente estouraram. O pus saiu por todos os lados com um cheiro horrível. Desnorteada, fico olhando a podridão em que meu corpo se transformou. Decido ir ao *revier*! Arrasto-me até a ambulância e a doutora polonesa se assusta ao ver os meus pés. Fornece-me um passe para entrar no *revier* sem ao menos tirar minha temperatura. Sei que é preciso pelo menos 39° para ser admitida.

Eu e mais quatro mulheres somos designadas para o *revier*. Pela primeira vez o *kommando* partirá sem mim. Olho pela última vez o rosto de minhas colegas e só então me lembro que o *revier* fica a dois quilômetros! Como vou conseguir percorrê-los? Então uma colega me presenteia com seu tamanco. De uma vez só os coloco e vejo os cotos que meus pés se transformaram. Urro de dor. A lama está gelada e coberta de geadas, não choro mais, apresso-me, só de pensar que vou poder dormir e sofrer menos, morrer deitada...

Chegamos. Nuas durante uma hora neste lugar sinistro e gelado. Mostram-me um catre, apenas uma coberta pequena.

Meus pés ficaram completamente pretos e minha diarreia piorou. Quando a doutora passa chamo-a suplicando-lhe que venha cuidar de minhas feridas...

“Sim, num instante”. Durante quatro dias ela me respondeu “sim, num instante”.

Foi durante esses quatro dias que estive mais perto da morte, não estava totalmente consciente, mas recordo-me de um pequeno detalhe que prova que não chegara realmente a desmaiar. Arrastava até o balde miserável colocado perto do catre, fiquei sufocada com o cheiro horrível de pus e fezes, então

pensei: “esse cheiro é ainda um cheiro de vida, enquanto respirar é por que estou viva”. Aquelas que não estão com 39° de febre são mandadas de volta para o trabalho.

Foi no *revier* que presenciei uma das cenas mais chocantes: a morte de recém nascidos.

Algumas mulheres grávidas davam a luz de qualquer maneira nos campos e ninguém sabia o que acontecia com os bebês. Até um dia que eu passando atrás de um dos barracões vi uma enfermeira com uma criança no colo, ela afogava os recém nascidos em uma bacia. Um oficial chegou perto dela reclamando da demora de seu serviço e lhe deu uma solução mais prática: pegou a criança viva e segurando pelas perninhas a rasgou ao meio jogando-a dentro de uma caixa de madeira.

Fiquei em estado catatônico por dias.

Do *revier* toda manhã via passar colunas de mulheres que não eram mais mulheres, seres que pareciam não ter alma, com o olhar vazio.

Nós vivíamos para resistir e resistíamos para viver.

Finalmente o curativo. A médica tcheca examina meus pés e aplica uma pomada preta, recobre-os de curativos de papel. Retorno ao meu catre. Meus pés medicados já doem um pouco menos, minha diarreia diminui, enfim uma trégua.

A cada dia assisto a morte de mais mulheres. Parece que essa manhã fez -10°. Durante o dia dormimos, conversamos, esperamos a sopa. As noites são longas, das 5 horas da tarde até as 4 da madrugada. Sabemos que amanhã é 1° de janeiro de 1945. O natal já passou. Esforço-me para não pensar na data, mas apesar dos esforços as imagens longínquas aparecem diante dos meus olhos...

Luzes, calor, família reunida. Há um ano o mais belo Ano novo da minha vida e hoje talvez o último.

Todas nós temos só um desejo no ano novo: viver!

Curativo. Não gosto desse dia. Se soubesse, não iria temendo a cura, esperando que curativos mais espaçados fizessem minhas feridas durar para que eu não volte ao *kommando*. Os acontecimentos se precipitam. Redobram os bombardeios e os canhões se aproximam.

Não estou dormindo, algo em mim se recusa a acreditar nas novidades. Eles partiram!

Assim, sem extermínio, sem uma última crueldade? Impossível!

Dessa vez não há dúvida quanto ao seu avanço, tudo treme em nosso bloco com as explosões cada vez mais perto.

O dia clareia sob o campo abandonado, acabou a eletricidade, a água, o pão... Mas que milagre, a chaminé do monstro está parada! Os seres humanos que sobraram estão entregues a si mesmos. Meu coração transborda de alegria, pela primeira vez acredito realmente que o fim da Guerra está chegando. Somos umas 100 mulheres agonizantes, o resto do campo está todo vazio. Eles levaram todas. Todas as mulheres com saúde correm para as cozinhas e depósitos e voltam com pão. Esse pão é nossa última chance.

Depois de alguns dias sou considerada uma das mulheres com mais saúde. Todas as manhãs eu vou ao poço e trago água para o bloco. A primeira visão que tenho fora do bloco são os cadáveres das infelizes mortas antes mesmo que saíssem do campo. Elas jazem com o rosto contra a terra. Ajoelho-me perto de uma delas e dispo-a. E cá estou eu arrumada, uma calça de lã, um pulôver e sapatos.



Acabaram os medicamentos e os poucos médicos que ficaram não conseguem controlar as epidemias, as mulheres começam a morrer. Empilhamos as mulheres mortas em carrinhos de mão e vamos jogar elas mais longe em um campo de neve cheio de corvos.

Eles vieram em um dia em que quase não esperávamos mais, um dia em que, esgotadas pelo cansaço já quase desistíamos. Esse dia ficará para sempre marcado em nossas almas: 27 de janeiro de 1945.

Voltava de um carregamento de lenha quando vi uma húngara extasiada e chorando dizer: “RUSSOS”!

Eles estão lá, a alguns quilômetros. Ainda não queremos acreditar...

Pouco depois a porta do bloco é aberta e com uma lanterna elétrica somos iluminadas. Vejo um homem imenso com gorro grande de peles que cobre sua testa. Um russo! As prisioneiras berram de alegria e surgem muitos soldados. Nunca esquecerei o rosto do primeiro soldado russo.

Eles nos olham com espanto e dó. Dizem frases incompreensíveis, não temos intérpretes. Por meio de gestos diz que amanhã vão nos dar comida. Todas choram ao perceber que seria possível retornarmos para casa.

Alguns dias depois percorremos os quatro quilômetros que separam *Birkenau* de *Auschwitz*.

Os russos haviam instalado um centro médico lá onde fomos tratadas com o máximo de dedicação.

Enfim voltamos a ser seres humanos. Quase curadas fomos levadas para *Katowice*, onde vivemos dois meses em um campo, bem alimentadas, bem tratadas e sobre tudo classificadas por nacionalidade, algo que nos agradou pois enfim podíamos conversar.

Evidentemente esses dois meses pareceram longos, mas os russos fizeram o máximo para suavizar nossa transição. Então num vagão durante cinco dias atravessamos as estepes russas para chegar a *Odessa*, a última etapa. Veio depois o navio inglês.

Volta, palavra mágica, desconhecida, quantas coisas ela continha, quantos rostos ela possuía. A volta teve sua vez em nossos sonhos e em todas as noites de horror criadas cada uma a sua maneira. Sem fazer barulho, fui para o convés, estava só diante do mar e lá fiquei procurando entender o que havia de singular nessa noite. E pensei que o primeiro choque talvez fosse difícil, que as pessoas que nos esperavam lá em casa com toda a sua boa vontade poderiam ser cruéis conosco, que depois de ter lutado contra a morte seria preciso lutar para viver da melhor maneira possível.

Íamos reencontrar os sentimentos que havíamos visto sem disfarces: a cupidez, a mesquinharia, a luxúria, a maldade. Estávamos voltando preparadas e invencíveis ou definitivamente derrotadas? A princípio fiquei chocada com tanta franqueza, sem dúvida as respostas para os dilemas que me atormentavam, e muito mais que a piedade e a compreensão, a primeira palavra de amor iria nos devolver o gosto pela vida provando-nos que tudo recomeça.

“As memórias do que passei irão me acompanhar até meu último sopro de vida, ficarão indelévels na minha alma, e certamente na história da humanidade.

É impossível explicar os trens de deportados, os campos de concentração, o terror nazista.

Cada deportado, cada comandante, cada médico só conheceu uma parte dessa página da história. Hoje cada um imagina essa história sabendo que ela faz parte do remorso do homem, porque esse crime foi cometido pelo homem. “E o homem sabe que em certas circunstâncias, esse mesmo homem é capaz de repetir a história”.

*Fim*

### **PARTE III – IDEAIS E DOCTRINAS**

#### **Monólogo 12 – Hitler**

##### **HITLER**

Sempre fui contrário ao sistema. Desde que em mim surgiu a consciência, tenho questionado muitas decisões que afetam minha vida.

Tornei-me um pequeno chefe de motins, que na escola aprendia com facilidade, mas era difícil de ser controlado.

Já mais crescido nunca quis ser um mero funcionário Público, como era desejo de meu pai.

Abominava o pensamento de um dia, como um escravo, sentar-me em um escritório, de não ser o senhor de meu tempo e limitar-me a preencher formulários.

Logo descobri meu talento para desenhar e meu pai mandou-me para a escola profissional.

Resolvi qual carreira deveria seguir... A de pintor!

Meu pai foi contrário a essa escolha, e disse que enquanto fosse vivo isso jamais se realizaria.

Retruquei e disse o contrário. Provei para ele que sabia o que eu queria. Na escola só estudava o que era de meu agrado, era excelente em geografia e história e sofrível nas demais matérias, imaginando que com isso conseguiria dobrar meu velho.

Mas ele não me deixou estudar pintura. Tive de acatar essa decisão por um tempo.

Hoje vejo que esses fatos me tornaram nacionalista e aprendi a ver a história pelo seu verdadeiro sentido.

Essa evolução fez em mim progressos rápidos, tanto que aos quinze anos já compreendia a diferença entre patriotismo dinástico e nacionalismo racista.

A arte de pensar pela história, que me tinha sido ensinada na escola, nunca mais me abandonou. A história universal tornou-se para mim cada vez mais uma fonte inesgotável de conhecimentos para agir no presente, isto é, para a política. Eu não queria aprender a história por si, mas ao contrário, queria que ela me servisse de ensinamento para a vida.

Com treze anos perdi meu pai. Depois e inesperadamente uma enfermidade veio em meu auxílio e em poucas semanas decidiu o meu futuro. Uma grave infecção pulmonar fez com que o médico aconselhasse minha mãe a não

permitir que no futuro, eu me entregasse a trabalhos de escritório fechados e sem ventilação. A frequência na escola profissional deveria ser suspensa por um ano.

Meus desejos começavam a tomar forma, minha mãe permitiu que eu frequentasse a Academia. Dois anos depois foi à vez de minha mãe falecer.

Eis então que fui para Viena.

Fui armado de meus desenhos. Estava convencido de que facilmente seria aprovado no exame e que um dia seria um artista e futuro arquiteto.

Mas o destino tinha outros planos para mim... Fui reprovado por duas vezes no exame de admissão da Academia de Artes de Viena.

Muito abalado e sem emprego decidi que ganharia a vida como artista juntando minhas duas paixões: pintava cartões postais com prédios de Viena e os vendia, conseguindo assim um sustento.

Nesse tempo passei a enxergar dois perigos que eu mal conhecia pelos nomes e que de modo algum me apresentavam seu terrível significado para a existência do povo germânico: o marxismo e o judaísmo.

Eu pesava todas as mentiras e teorias dessas doutrinas e chegava a uma compreensão mais clara de sua vontade.

Vi diante de mim doutrinas constituídas de ódio e egoísmo e que poderiam arrastar toda a humanidade à ruína.

Percebi a ligação entre essa doutrina de destruição e o caráter de certa raça para mim até então desconhecida.

Muito aprendi com o marxismo é verdade, seus métodos me instruíram. O nacional socialismo é o que o marxismo poderia ter sido se tivesse quebrado os laços que o prendiam a uma ordem democrática.

Só o conhecimento dos judeus ofereceu-me a chave para a compreensão dos propósitos íntimos e por isso reais da social-democracia. Quem conhece esse povo vê cair dos olhos o véu que impedia descobrir as concepções falsas sobre a finalidade e o sentido desse partido; e do nevoeiro do palavreado de sua propaganda, de dentes arreganhados, vê aparecer a caricatura vermelha do marxismo.

No decorrer dos séculos o aspecto do judeu havia se europeizado e ele se tornara parecido com a gente. Eu os tinha por alemães. Não me era possível compreender o erro desse julgamento, pois o único traço diferencial era o aspecto religioso. Minha condenação a manifestações contrárias a eles, a perseguição movida pela sociedade por motivos de religião, como eu acreditava, me irritava. Não pensava em um plano regular de combate aos judeus.

Não quero afirmar que a maneira pela qual por que eu os conheci me tenha sido particularmente agradável. Eu só via nos judeus o lado religioso. Por isso, por uma questão de tolerância, considerava injusta a sua condenação por motivos religiosos. A luta aparente entre os sionistas e os judeus liberais muito cedo me causou nojo. Comecei a vê-la como hipocrisia, uma deslavada miséria do começo ao fim, e, sobretudo, fiquei indignado da tão proclamada pureza moral desse povo.

De mais a mais, essa pureza moral ou de qualquer outra natureza era uma questão discutível.

Que eles não eram amantes de banhos podia-se assegurar pela simples aparência.

Infelizmente chegava-se a essa conclusão até de olhos fechados; muitas vezes senti náuseas ante ao odor desses indivíduos com roupas sujas e a aparência acovardada.

Nada se firmou em mim tão depressa quanto à compreensão cada vez mais completa da maneira de agir dos judeus em determinados assuntos.

Poderia haver uma sujidade, uma impudência de qualquer natureza na vida cultural da nação em que pelo menos um judeu não estivesse envolvido?

Quem cautelosamente abrisse o tumor haveria de encontrar, protegido da luz, algum judeuzinho. Isso é tão fatal como a existência de vermes em um corpo putrefato.

Hoje percebo que a natureza sempre se vingará de todas as usurpações contra seu domínio. Por isso acredito agora que ajo de acordo com as prescrições do Criador. Lutando contra o judaísmo estou realizando a obra de Deus. Os povos que como zangões conseguem infiltrar-se no resto da humanidade a fim de, sob todos os pretextos, fazer com que os outros trabalhem para si, pode mesmo sem possuir um *habitat* determinado e delimitado formar um estado. Isso se dá em primeira linha num povo sob cujo parasitismo, sobretudo hoje, toda a humanidade sofre: o povo judeu.

O estado judaico nunca teve fronteiras, nunca teve limites no espaço, mas era unido pela raça. Por isso sempre foi um estado dentro do Estado. Foi um dos mais hábeis ardis já inventados, o de encobrir-se aquele estado sob a capa da religião, obtendo-se assim a tolerância que o ariano sempre estendeu a todos os credos. O instinto de conservação da espécie é sempre a causa da formação das sociedades. Por isso o Estado é um organismo racial e não econômico e que passa despercebida aos estadistas de hoje.

Os judeus sempre dominaram todos os meios de comunicação na Alemanha. Agora de um jeito muito hábil tiram proveito de um povo esfacelado pela humilhante derrota na Grande Guerra, e humilhado pelo infame Tratado de Versalhes.

Essa guerra que na verdade nada mais foi do que o povo alemão lutando pela sua existência no mundo e que foi chamada de Guerra Mundial.

A Alemanha não deveria vencer a guerra! Quando a vitória despontava para as bandeiras alemãs, aconteceu a maior patifaria de toda a guerra: a greve de munições.

Para que o exército lutava se a pátria não queria a vitória?

Essa greve reavivou o inimigo que quase fora derrotado pelo gigante alemão! Em consequência dessa infame greve, milhares de soldados alemães pagaram com sangue nos campos de batalha. Os promotores desse golpe eram aqueles que desejavam os mais altos postos administrativos na Alemanha revolucionária.

Na noite de 13 de outubro começou o bombardeio a gás na frente do sul de Ypres.

Empregava-se um gás cujo efeito ainda era desconhecido entre os soldados. Caímos sobre um fogo de granadas que durou 2 horas. Pela manhã senti uma dor que, de 15 em 15 minutos, se tornava mais aguda e, às 7 horas, me retirei com os olhos iguais a carvão incandescente para o hospital na Pomerânia, onde assisti a revolução. Seria a segunda vez que iria para um hospital na guerra, da outra fui ferido na perna, mas logo estava de volta ao front.

Em novembro a tensão aumentou. E um dia deu-se a desgraça. Marinheiros vindos em caminhões incitavam a revolução. Alguns rapazolas judeus eram os

dirigentes dessa luta pela liberdade, beleza e dignidade de nosso povo. Lançavam na pátria o trapo vermelho.

A pátria tinha se transformado em República. Toda nossa luta no front foi em vão.

Capitulamos!

Uma vergonha sem precedentes. Criminosos colocaram suas mãos imundas na pátria mãe maculando para sempre sua história. Desde o dia que me vi inclinado sobre o túmulo de minha mãe, jamais voltara a chorar... Até esse dia.

Miseráveis e depravados!

Noites em claro passei pensando de que valeu meu esforço, esses olhos ardentes. Nessas noites cresceu o ódio dentro de mim por esses Criminosos de Novembro. Nos dias que se seguiram tive consciência do meu destino. O imperador Guilherme II tinha sido o primeiro imperador alemão a estender a mão aos líderes marxistas, sem saber que bandido não tem honra.

Enquanto seguravam a mão do imperador, com a outra procuravam o punhal. Com judeus não se pode pactuar.

Então resolvi tornar-me político. Sempre foi contra minha vontade ser um político, a política sempre foi para mim um meio para atingir a meta.

Estudei a fundo a arte da propaganda e hoje sei como essa imprensa imunda atua.

Percebi com o tempo que a psique das massas é de natureza a não deixar se influenciar por meias medidas, por atos de fraqueza. Ela gosta mais dos que mandam do que daqueles que pedem. Ela não sabe o que fazer com a liberdade e por isso sente-se abandonada.

A capacidade de compreensão do povo é limitada, mas em compensação a capacidade de esquecer é grande. A massa é cega, estúpida e não sabe o que faz. Assim sendo, a propaganda deve-se restringir a poucos pontos. E esses deverão ser valorizados como estribilhos, até que o último indivíduo consiga saber exatamente o que representa esse estribilho. Sacrificando esse princípio em favor da variedade, provoca-se uma atividade dispersiva, pois a multidão não consegue nem digerir nem guardar o assunto tratado. O resultado é o esquecimento por parte das massas.

Só a linha mestra, que nunca deve ser abandonada, faz amadurecer o sucesso final. Só então poder-se-á constatar o resultado final que é capaz de produzir.

Para que uma propaganda seja eficiente, ela tem de ter um objetivo definido. Deve ser organizada para alcançar grandes massas populares, deve-se conquistar o coração do povo.

Deve-se dar a massa um inimigo único, algo palpável que possamos atribuir tudo de ruim e errado: Os judeus e o Tratado de Versalhes.

Tínhamos que colocar na cabeça do povo o ódio contra esse tratado.

Teríamos de enfatizar os males que o tratado trouxe para a Alemanha. A desvalorização da moeda, o desastre econômico, o desemprego monstro e principalmente a indenização de 226 bilhões de marcos pagável em 42 anos mais 12% das exportações para os Aliados.

Resolvi com alguns camaradas que deveríamos fundar um partido.

Constatee também que sabia falar em público. Era um ótimo orador, que conseguia hipnotizar as massas com meus discursos apaixonados e exaustivos. Porém percebi que um mesmo discurso em horários diferentes, surte efeitos diferentes. Certa feita fiz um discurso às dez horas da manhã, senti na pele a frieza do auditório. Já à noite se deixam vencer mais facilmente

pela força dominadora de uma vontade forte, pois já estão cansados e sem muita resistência. O mesmo acontece com a Igreja na hora do *angelus*. Entre as seis e as oito é que acontece esse fenômeno, o “horário do tolo”.

Fui a uma reunião e depois disso resolvi me tornar sócio do Partido Trabalhista Alemão recebendo a carteirinha de número sete. De início fiquei com aparte mais importante: a da propaganda. Em nossos comícios propus a criação de uma guarda de sala somente com rapazes fortes, que mais tarde seria a SS. Eram organizados em grupos de cem.

Até então não tínhamos nenhuma insígnia ou estandarte definindo o nosso partido.

Já havia compreendido a significação psicológica desses símbolos.

A nova bandeira tinha que significar nossa luta e ter um efeito sobre as massas. Depois de muitas sugestões, cheguei a uma definitiva: uma bandeira de fundo vermelho com um disco branco cujo meio figurava uma cruz suástica preta.

No vermelho temos a idéia socialista do movimento, no branco a idéia nacional, na cruz suástica a missão da luta pela vitória do homem ariano, simultaneamente com a vitória da nossa missão anti-semítica.

O objetivo de nossa luta seria o da garantia de existência e da multiplicação de nossa raça e de nosso povo, da subsistência de seus filhos e da pureza do sangue a fim de que o povo germânico possa realizar a missão que o criador do universo a ele destinou.

Como esse problema interessa às novas gerações, vocês devem saber que os pecados dos pais se refletem até a décima geração, verdade essa que se traduz em um atentado contra a pureza do sangue e da raça. Ninguém pode errar à custa da posteridade, isto é, da raça.

É deplorável que se consinta que indivíduos que sofrem de moléstias incuráveis continuem a contaminar pessoas sadias. Isso corresponde a que para não fazer mal a um, arruinam-se centenas.

Tornar impossível que esses indivíduos procriem e gerem mais doentes é uma exigência que deve ser posta em prática, pois é a maneira mais humana de solucionar o problema. O sofrimento imposto há um século livrará a humanidade de sofrimentos idênticos por milhares de anos. O homem que desconhece as leis raciais perde o que lhe é reservado. Impede a marcha triunfal da melhor das raças, impedindo o progresso humano. O que hoje se apresenta a nós em matéria de conhecimento é quase que exclusivamente produto da criação do Ariano.

O ditado, “O negro fez a sua obrigação, pode se retirar” infelizmente possui um significado real. Durante milênios o cavalo fez o trabalho, mas hoje foi substituído pelo motor que dispensou completamente o cavalo. O mesmo acontece com o Ariano. Sem tal possibilidade de empregar gente inferior, nunca poderia ter dado os passos iniciais para a sua civilização. Eis como povos inferiores tornaram-se essenciais na civilização de povos superiores.

A própria França deve ser contada como um deles. Eles não somente colocam negros em seus exércitos como também, racialmente, fazem progressos na sua negrificação. Na realidade já se pode falar no aparecimento de um estado africano em solo europeu.

Dentre essas raças inferiores está o povo judeu. Nenhum outro povo no mundo possui um instinto de conservação maior. Só o simples fato de sua existência é prova cabal disso. Se só existisse o povo judeu no mundo, morreriam sufocados em sujeira e porcarias, e tentariam vencer-se e exterminar-

se mutuamente, devido a falta de espírito de sacrifício expressa na sua covardia.

Eles não cogitam absolutamente implantar na Palestina um Estado para ali viverem.

Querem apenas um refúgio seguro para a sua canalhice, isto é, uma academia para a educação de trapaceiros.

Chegando a alcançar a preponderância política, o judeu despoja-se de seus disfarces e, de popular e democrático, torna-se o judeu tirano e sanguinário. Tudo nessa terra é suscetível de melhoras. Cada derrota pode engendrar uma vitória futura, porém, enquanto o sangue se conservar puro.

O Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães apropria-se, nas características iniciais do pensamento fundamental, de uma concepção geral racista do mundo e, tomando em consideração a realidade prática, dentro desse modo de entender a rígida organização das massas humanas, autoriza prever a luta vitoriosa dessa nova doutrina.

*Fim*

### **Monólogo 13 – Santa Sé**

*“Atos e documentos da Santa Sé relativos à segunda guerra mundial.”  
1937 – 1938*

#### **PADRE**

A Santa Sé tem uma opinião muito bem definida em relação aos acontecimentos. A de uma preocupação profunda diante dos acontecimentos alarmantes ocorridos na Alemanha.

O papa Pio XI concluiu a Concordata com a Alemanha nazista. Ele exprime sua inquietude com o nacional socialismo e seu neopaganismo e a política racista.

Disse ele: “Aquele que toma a raça, ou o povo, ou o Estado, ou a forma do Estado, ou os depositários do poder, ou qualquer outro valor fundamental da comunidade humana que ocupa um lugar necessário e respeitável na ordem secular, aquele que se apossa destas noções para separá-las do conjunto, mesmo não excluindo os valores religiosos, e que, para endeusá-los em um culto idólatra, falsifica e inverte a ordem das coisas criadas e desejadas por Deus. Tal homem afasta-se muito da verdadeira crença de Deus e de uma concepção da vida de acordo com esta fé”.

Na verdade, a preocupação de Pio XI é principalmente baseada na pretensão dos nazistas de controlar inteiramente a educação dos jovens, o que pode levar a supressão das escolas religiosas.

Até agora mais de 50 mil judeus foram obrigados a deixar a Alemanha, muitos deles com destinos incertos.

Para a Santa Sé e em geral para o povo alemão, o destino desse povo ainda é incerto, pouco claro.

Os que ainda se encontram na Alemanha são submetidos às leis de *Nuremberg*, onde tem seus direitos restritos por serem considerados Indivíduos do Estado, e não um alemão.

O que acontece com os judeus ainda é desconhecido pelas grandes potências, os dirigentes nazistas classificam essas atitudes como crise de crescimento.

Recentemente Pio XI censurou publicamente o cardeal Initzer por ter desejado boas vindas aos invasores nazistas na Áustria. Decidiu através de uma encíclica, baseada nos princípios que ele mesmo examinou, denunciar o racismo e o anti-semitismo.

O padre Initzer, através da Rádio austríaca, apelou aos católicos do país a serem fieis ao novo governo; em conjunto com alguns bispos, pediu que se votasse a favor do *Anschluss* nas eleições. Nessa declaração “solene” disse que a aspiração milenar do povo foi atingida. E acabou gritando *Heil Hitler!*

Eis um padre nazista!

Ninguém consegue avaliar os problemas que o Vaticano enfrenta em situações dessa natureza. Nessas horas é apenas um território minúsculo e impotente cercado de fascistas e nazistas.

Nesse momento, o Vaticano tem de escolher entre a condenação pública de certos governos e de certas nações que adotam regimes ditatoriais, e o caminho que lhe permite conservar com esses países relações suficientemente normais para poder continuar protegendo as pessoas pelas quais se sente responsável.

O Vaticano tem o dever amplo de encarar certos fatos. Não apenas tentar proteger em dado momento certos grupos nacionais de católicos perseguidos.

Mas tem que ao mesmo tempo ser prudente. Não possui bombas nem armas, nenhum poder nesse sentido. Se quiser continuar sendo o centro da Igreja tem de continuar mantendo contato. Por isso acho que se acomoda sempre aos governos que estão no poder.

1943

Agora o papa é outro... Pio XII...

Ele tem em seu poder a única rádio independente de toda a Europa ocupada, a Rádio do Vaticano. Porém ainda não fez uma denúncia pública das atrocidades que os nazistas estão cometendo.

Sei que ele tem recebido cartas vindas de Berlim dizendo para que interceda junto aos nazistas pelos judeus. Que nessa cidade todos estão apavorados, pois há uma nova onda de deportação de judeus e que muitos católicos estão entre eles.

Ouvi um boato de que os alemães pensam em prender o papa e levá-lo para a Alemanha. Sei também que caso isso aconteça, muitos no Vaticano tem suas malas prontas para uma eventual fuga. A tensão é grande.

Como o Vaticano está cercado por nazistas, algumas rádios aliadas dão a notícia de que o papa é prisioneiro deles. Mas já foi dito que os nazistas irão tentar deixar o Vaticano de fora do conflito.

Os nazistas negociaram a vida de alguns judeus em troca do silêncio do Vaticano. Para eles isso não é pagar caro.

Eles sabem que na comunidade religiosa em Roma e no Vaticano, existem pessoas honestas e escandalizadas, que só aceitaram esse acordo porque os conventos e mosteiros permanecem como lugares de asilo que escondem pessoas.



Porém mesmo querendo ajudar sei de alguns absurdos: Países que oferecem passaportes para judeus batizados, mas que tem de ser cristãos há pelo menos dois anos.

Em situações como essa não se deve perguntar a uma pessoa qual sua religião, e sim ajudar.

Para os católicos não-arianos e para os judeus não convertidos, a Santa Sé diz ter feito tudo que estava em seu poder no que se refere à ajuda material e moral.

Será?

Verdade que a Santa Sé conseguiu a travessia de emigrantes através dos mares ao custo de muito dinheiro e o fizeram por amor a Deus, sem esperar qualquer gratidão de origem terrestre.

Infelizmente não é possível oferecer-lhes ajuda efetiva, a não ser preces...

Verdade também que esse dinheiro não era do Vaticano e sim de ordem particular que apenas passava por aqui.

Não que a Santa Sé esteja decidida a levantar sua voz em favor dos perseguidos, farão isso quando as circunstâncias forem propícias...

Tenho aqui um trecho que achei de uma carta endereçada à Secretaria do Vaticano:

(Lê): “O embaixador da Polônia tem a honra de trazer ao conhecimento da Secretaria do Estado de Sua Santidade as seguintes informações: Os alemães estão liquidando a população judaica na Polônia Os primeiros a serem enviados foram os velhos, enfermos, mulheres e crianças.

Isso prova que não se trata de uma deportação para trabalho, como dizem, e sim de extermínio em massa. Estima-se que já morreram nesses campos mais de um milhão de pessoas.

A embaixada da Polônia espera que seja tomada alguma providência.

19 de Dezembro de 1942.”

Lembro que mais ou menos três dias após a data dessa carta o papa Pio XII fez, em sua mensagem de natal via rádio, alusão à sorte dos judeus. Fora amplamente advertido que mais de um milhão de judeus já tinham sido mortos.

Ele apenas limitou-se a uma vaga alusão ao fim da mensagem, nada mais...

Até que ponto o papa vai se omitir?

Quando efetivamente a Igreja tomará algum tipo de providência?

E o Vaticano? Não seria a hora de tentar parar com essa catástrofe?

Uma coisa é certa: o papa sabe o que está acontecendo e cedo ou tarde ele e toda a Santa Sé pagará por isso; e um dia, alguém de dentro da Igreja terá de pedir desculpas. Mas ainda será muito pouco...

Hoje padres, bispos, cardeais paróquias, mosteiros, o próprio Vaticano, todos ligados à religião católica, tentam ajudar e ajudam quem é perseguido pelos nazistas, mas será que quando a guerra acabar todos esses bons cristãos ajudarão a esconder os nazistas?

No ano de 2000 o Papa João Paulo II pediu perdão pelo comportamento da Igreja Católica durante o Holocausto, assumindo assim a omissão da Igreja.

*Fim*

## **Monólogo 14 – Eutanásia**

## OFICIAL DE ESCRITÓRIO

Vários institutos de eutanásia foram criados na Alemanha, mas nenhum como o T4.

Ninguém sabia exatamente o que era o *Tiergartenstrasse 4*, ou simplesmente T4.

Era o centro do que foi por muitos anos a operação mais secreta do III *Reich*.

Em princípio a operação eutanásia era somente para retardados físicos e mentais da Alemanha e da Áustria. Mais tarde se tornaria a solução final.

O prédio do T4 ficava em um dos bairros residenciais de Berlim, o plano e as ordens vinham da chancelaria do *Führer*. Era o assassinato legalizado.

A ordem de Hitler que desencadeou o funcionamento do programa nunca foi ratificada pelo ministério da justiça que de fato, na medida dos limites impostos pelo medo das consequências entre os membros dessa administração, opuseram-se até o fim as ordens do *Führer*, invocando inconstitucionalidade.

Os planejadores e organizadores desses programas eram naturalmente, na maioria, funcionários que trabalhavam a centenas de quilômetros do local de onde suas idéias estavam sendo executadas.

Durante os primeiros anos, de 1938 e 1939, eles ficaram fisicamente e psicologicamente distantes da triste realidade de suas atividades.

Assim foi possível convence-los de que não haviam feito nada, a não ser administrar os serviços de saúde pública e que não participavam da violência e dos horrores praticados.

Dizíamos a eles que uma lei semelhante à de vários países logo entraria em vigor na Alemanha, como em todo o mundo civilizado. Mas para não ferir a sensibilidade da população agiríamos aos poucos, e somente após uma ampla preparação psicológica.

Enquanto isso não acontecia tínhamos que agir no mais absoluto segredo.

Explicávamos que somente seriam atingidos os doentes que passassem por um meticuloso exame, uma série de quatro testes feitos por dois médicos.

E a morte seria completamente indolor em relação a uma vida intolerável.

Claro que na verdade isso tudo era mentira, a maioria das decisões de vida ou morte eram rotineiras, com base em questionários enviados por um subsetor de saúde pública ao T4 sobre todos os doentes mentais, criminosos, loucos em tratamento ou doentes de raça impura inaptos para o trabalho.

No prontuário era feito um sinal de mais ou menos, o que significava vida ou morte.

Ouvíamos pessoas dizerem que deveríamos acabar com essas bocas inúteis, que nunca tinham imaginado que seres como os doentes que chegavam pudessem existir.

Com as crianças era um pouco diferente. Solicitávamos uma autorização aos pais para que seus filhos “gravemente enfermos” fossem transferidos para locais recém criados, onde somente lá teriam alguma chance de cura através de um tratamento intensivo feito por meio de experiências muito avançadas.

Lá elas eram adormecidas com injeções, e não tinham consciência de sua sorte.

Os doentes não sabiam também onde estavam ou o que ia lhes ocorrer, pois ao chegar eram submetidos a exames, media-se a temperatura e eram

encaminhados aos leitos como em qualquer hospital, porém nunca passavam de um dia e logo eram mortos nas câmaras de gás recém criadas.

Os familiares eram comunicados que o doente havia falecido vítima de infarto ou outra doença. Eles recebiam uma urna contendo as cinzas de seus parentes.

Os vários institutos de eutanásia serviram de escolas de aprendizado para assassinato, na qual os estudantes não aprendiam a salvar vidas, mas destruí-las da maneira mais eficaz possível.

No começo ninguém queria exterminar judeus, se alguém saísse na rua dizendo que iria fazer isso, certamente seria taxado de louco.

O que se pretendia de início era a aplicação de um velho plano polonês: Matar um terço, reorganizar um terço e autorizar que um terço fosse assimilado. Com esse espírito começamos a pensar em um projeto, o de fazer na ilha de Madagascar um estado judeu, mas quando não deu certo só então decidimos...

A tecnologia desenvolvida nesse programa mais tarde foi utilizada nos campos de concentração para a eliminação em massa, com a finalidade de purificação racial.

Foram eliminadas mais de 100 mil pessoas em menos de dois anos nesses institutos.

*Fim*

## **Monólogo 15 – Nazismo no Brasil**

### **EX-POLICIAL**

Eu era um policial do DEOPS, Departamento de Ordem Política e Social.

Desde sua criação o DEOPS dirigiu a maior parte de suas atividades contra os movimentos operários; primeiro contra os anarquistas e depois contra os comunistas.

Sempre fiz o que me mandavam sem questionar tais ordens.

Desde 1930 trabalhei nessa instituição... Até a semana passada.

Certo dia pela manhã, fui chamado na sala de meu chefe que não mediu esforços para me elogiar, dizer que sou um dos melhores funcionários do departamento. Depois ele olhou para a janela, para a rua, e a sala ficou em silêncio, um vazio de dar calafrios.

Como o silêncio que precede o esporro. Senti que algo estava muito errado... E eu tinha razão.

Ele disse que existiam certas forças superiores, pessoal de alta patente, que nada poderia fazer e que teria que me afastar das funções por mim exercidas.

Definitivamente.

Fui mandado embora por uma pessoa que não conheço! Alta patente? Quem seria? Algum general...? Coronel...? Ou até mesmo o... Presidente? (Ri)

Não questioneei nada, apenas arrumei minhas coisas e fui embora.

E no caminho fui pensando... Como eu, um funcionário de nosso governo, fui mandado embora sem um motivo aparente?

Então me veio à cabeça que descobri algo que talvez não devesse descobrir. Que sei algo que não deveria saber.

Lembro-me que uma noite estava colocando uns trabalhos em dia e fiquei até mais tarde.

Como já era tarde da noite, passei pelo arquivo e vi que uma das portas desse arquivo, que nunca vi aberta antes, estava encostada... Era a minha chance de saber o que tinha de tão importante ali.

Certifiquei-me se estava sozinho. Como estava, resolvi entrar.

Olhei aquela sala cheia de pastas, armários, nada de muito importante, um arquivo igual ao resto se não fosse por uma pasta vermelha com um símbolo em preto... Uma suástica.

Tratei logo de abrir aquela pasta.

E descobri documentos que atestam atividades do Partido Nazista aqui no Brasil!

Sim, e faz um bom tempo que isso vem acontecendo.

Achei esses documentos nos arquivos do DEOPS-SP!

As atividades dos nazistas constam em vários estados, mas principalmente no estado de São Paulo.

Segundo esses documentos, as atividades, que farão dez anos, são relatadas não só no Brasil, estão presentes em 86 países, com quase 29 mil integrantes.

Quase 10 anos de atividades e nenhuma providência foi tomada por qualquer autoridade.

Se forem verdadeiros os boatos vindos da Europa, dessas atrocidades que fazem com pessoas... O mundo precisa saber dessa célula na América do sul...

Essa filial é ligada a um departamento do poderoso *Reich* alemão de onde recebe algumas diretrizes.

Sei que existe aqui uma escola que difunde livremente as ideologias do Nazismo, na Vila Mariana em São Paulo, onde os professores iniciam a aula com um sonoro *Heil* Hitler e em seus uniformes nota-se aquele símbolo... A suástica.

Toda manhã esses alunos cantam hinos de um grupo chamado Juventude Hitlerista. Mas parece que a polícia agora começou a se mexer, exigindo que os professores que lecionam nessas escolas sejam brasileiros, que a literatura nazista seja extinta e que as aulas passem para o bom e velho português e não mais o alemão.

Nosso excelentíssimo senhor presidente Getúlio Vargas tem pleno conhecimento desse partido em nosso território, mas segundo ele "é uma organização sem importância, voltada apenas para os alemães residentes no Brasil". Mal sabe ele que isso não é verdade! 2,45% de seus integrantes são brasileiros que simpatizam com esse partido, e o resto alemão.

Eles chegaram ao nosso país após a I Guerra Mundial que causou muito desemprego e desestabilização na economia da Alemanha.

Muitos de vocês podem pensar: Só isso? É pouco!

Mas lembre-se que uma simples gripe pode se tornar uma pneumonia e levar à morte.

O que o senhor seu presidente diz do aumento de hostilidade contra negros aqui?

E por que nossa polícia recebeu treinamento da *GESTAPO*?

Será isso um sinal de simpatia com esse regime alemão?

Ouço pessoas comentarem se o senhor, seu Getúlio, não tem certa... simpatia por esse movimento. E é por isso que deixa jornais em língua alemã serem publicados em solo nacional?

Tem medo de que? Ou não é medo?

Teria o senhor relações escusas com a Alemanha de Hitler?

E para não prejudicar essa relação não toma nenhuma atitude?

O Brasil “tenta” ajudar a fuga de judeus da Europa oferecendo passaportes para judeus batizados, mas tem de ser cristão há pelo menos dois anos.

Não consigo entender porque esse governo reprime o Partido Comunista mandando todos os seus dirigentes para o tribunal nacional e envia prisioneiros políticos ao governo alemão. Muita coincidência com os alemães, que combatem ferozmente o comunismo.

Não que eu seja comunista, longe disso.

E porque é permitido comemorar o primeiro de maio alemão em estádios de futebol com desfiles da bandeira nazista, com aquela suástica por todo lado, músicas em alemão, e discursos de seus partidários?

Gravo esse depoimento, pois venho sofrendo ameaças de morte por telefone e tenho a impressão de que estive sendo seguido durante toda a semana.

Como não contei nada a ninguém, não tenho com que me preocupar.

Ninguém me viu entrando ou saindo daquele maldito arquivo... Não! Exceto... Meu Deus... Eu não sei quanto tempo ainda... (*Barulho de carro derrapando, portas abrindo e um tiro. Cai a luz, junto com o tiro.*)

De acordo com o decreto-lei número 383 de 18 de abril de 1938, o Partido Nazista, junto às demais agremiações políticas estrangeiras, foi proibido no Brasil. Iniciou suas atividades em meados de 1928 e teve quase 10 anos de atividades ininterruptas.

*Fim*

## **Monólogo 16 – Revisionismo**

### **PROFESSOR**

O holocausto nunca aconteceu!

Quais são as provas de que os nazistas mataram seis milhões de judeus?

Tudo o que temos é o testemunho pós-guerra de sobreviventes, individuais.

Outra farsa foi o julgamento de *Nurenberg*, onde os réus eram brutalmente torturados para confessarem crimes que não existiram, ou afirmar que campos de concentração eram campos de extermínio.

Até hoje nenhum documento foi apresentado comprovando que Hitler tenha mandado iniciar o holocausto.

O gás Zyklon B que supostamente era utilizado em câmaras de gás, na verdade era um pesticida utilizado para fumigar roupas e matar piolhos dos prisioneiros de campos de trabalhos, pois sem isso talvez houvesse mais mortes.

Na confissão de Rudolf Höss comandante de *Auschwitz*, ele disse que seus homens tiravam corpos das câmaras de gás e fumavam ao mesmo tempo, mas isso era impossível, pois o Zyklon B é altamente inflamável.

O Holocausto nada mais foi do que propaganda de guerra dos Aliados, para que a Alemanha pagasse quantias absurdas.

Nos campos não morreram seis milhões, mas sim aproximadamente de 300 a 500 mil, um número muito inferior.

E esses morreram com epidemias de tifo, fome e falta de cuidados médicos, principalmente no fim da guerra quando todas as estradas que davam acesso aos campos foram bombardeadas pelos Aliados impedindo a chegada de comida e remédios.

É claro que os campos tinham fornos crematórios, mas pelo simples motivo de dar um fim sanitário aos corpos doentes. E esses fornos não poderiam funcionar o tempo todo como afirmam, porque eles tinham que ser limpos, e essa operação eram pesada e demorada.

E tem mais, as leis de *Nuremberg* que não permitiam casamentos de arianos com não arianos, é exatamente igual às leis que hoje existem em Israel, a respeito de casamentos entre judeus e não judeus.

Leis parecidas existiam até os anos 90 no estado de Alabama nos Estados Unidos.

Você acha que se realmente o Holocausto tivesse acontecido, o Vaticano não saberia?

Porque ele não falou contra em momento algum? Porque nunca aconteceu tal barbaridade!

Muitas pessoas acham que os revisionistas são neonazistas ou anti-semitas, mas hoje vários estudiosos refutam o holocausto e concordam que para alguns pontos-chave da história faltam evidências.

No entanto, isto não são apenas os interesses particulares de grupos religiosos e financeiros.

Nós temos que competir com a nova ordem do pós-guerra, a qual foi criada pelos vencedores, ou seja, pelos Aliados. A credibilidade da versão vitoriosa da história é um risco. O Holocausto é o pilar central no mosaico da sua versão da história.

Os políticos alemães sabem muito bem que a Alemanha iria ser sujeita a tremendas pressões se permitisse qualquer consideração crítica ao Holocausto. Finalmente, está em risco a credulidade de todos os que construíram o seu mundo sob a fundamentação moralista do "Holocausto".

Nos países de expressão alemã, expressar publicamente dúvidas sobre o Holocausto é uma ofensa punida com longas penas de prisão (Seção 130 Parágrafo 3 Código Penal Alemão; Seção 3h do Código Austríaco; Seção 216 do Código Suíço). Só isto deveria ser suficiente para estimular a suspeita de qualquer pessoa que tenha a capacidade de pensar de forma crítica. Isso deveria fazer-nos questionar sobre o porquê de uma elite poderosa ter a tal necessidade drástica de manter esta propaganda de ódio depois da Segunda Guerra Mundial.

Será absurdo reivindicar que só porque todas as testemunhas das execuções em massa durante a Revolução Francesa já morreram, o número de céticos sobre este massacre irá aumentar mais e mais? O nosso conhecimento sobre acontecimentos históricos não está dependente de testemunhas vivas; pelo contrário, é mais confiável quando pode ser sustentado sem tais testemunhas.

Nós revisionistas não negamos que os judeus foram perseguidos sob o regime do Terceiro *Reich*, que foram privados de direitos civis e deportados; a existência de guetos judeus, a existência de campos de concentração e seus crematórios.

Nenhuns destes crimes são postos em dúvida pelo Revisionismo do Holocausto.

Na nossa visão, porém, toda esta injustiça nada tem a ver com o Holocausto, o qual é caracterizado por ter sido um massacre em massa planejado e organizado, levado a cabo especificamente em câmaras de gás homicidas.

Nós revisionistas do Holocausto acreditamos que o correto é o seguinte:

Não existiu nenhuma ordem Nacional Socialista para a exterminação física dos judeus, da mesma forma não existiu nenhum plano Nacional Socialista para o extermínio físico dos judeus;

Não existiu nenhuma organização alemã, nem nenhum orçamento para levar a cabo o plano de extermínio. Consideramos a opinião de vários especialistas no assunto.

Em investigações apuradas num antigo campo de concentração alemão, especialistas estabeleceram que os campos de internamento não possuíam câmaras de gás homicidas ou quaisquer métodos sofisticados para assassinatos em massa. Os relatórios de fuzilamentos em massa foram grandemente exagerados e tirados fora do contexto. Não existiram aparelhos industriais adequados nem combustível suficiente para cremar tão elevado número de cadáveres.

Na realidade a capacidade dos crematórios era apenas suficiente para cremar os corpos dos que morriam de fome ou de epidemias. Não existe documentação que confirme a existência de câmaras de gás homicidas nem traços materiais dos alegados assassinatos em massa. Todas as "provas" dependem apenas das explicações das testemunhas, cuja falta de confiabilidade é amplamente conhecida. Apesar das observações massivas realizadas por espíões e grupos de resistência nas áreas próximas dos campos de concentração alemães, todos os inimigos da Alemanha em tempo de guerra comportaram-se como se o extermínio dos judeus não estivesse acontecendo. As acusações de genocídio não foram levantadas até a derrota da Alemanha, quando já não existia nenhum governo alemão que as contestasse. Investigações estatísticas dos judeus que vivem em todo o mundo mostram claramente que as perdas deste grupo étnico durante a Segunda Guerra Mundial não foram, de forma alguma, perto de seis milhões. O número exato foi provavelmente bem abaixo de meio milhão.

Aqui está (*mostra*) uma fotografia de vítimas da epidemia de tifo numa sepultura em massa num campo de concentração em *Bergen-Belsen*, tirada pelo Exército Britânico. É típico uma grande quantidade de tais fotos serem mostradas freqüentemente em documentários televisivos sobre o Holocausto, com alegações de que os mortos são vítimas do Holocausto. Na realidade é uma fotografia de vítimas de uma epidemia que ocorreu no final da guerra. A causa da morte é evidente pela condição dos corpos. Se eles tivessem sido gazeados não estariam tão magros, e se eles tivessem morrido de fome não teriam as articulações e os estômagos inchados.

Qualquer profissional médico verá com um primeiro olhar que estas pessoas morreram de tifo.

Todas as fotografias de montes de corpos foram tiradas nos campos de Leste muito perto do fim da guerra, como *Dachau, Bergen-Belsen e Buchenwald*, onde atualmente os historiadores concordam não terem existido assassinatos em massa. De forma significativa, não existem tais fotografias tiradas nos campos onde é alegado ter havido assassinios em massa (*Auschwitz, Treblinka, Belzec, Sobibor, Chelmo, Majdanek*). Estes campos eram todos em áreas controladas pelos soviéticos no final da guerra. É mais do que sabido que os soviéticos não "liberaram" fotografias de assassinatos em massa ou de montes de corpos, e não permitiram que jornalistas, médicos ou outros especialistas examinassem os campos. Desde finais de 1980 os Revisionistas têm investigado estes sítios para encontrar provas de assassinios em massa, mas os "funcionários do sistema" obstruíram os seus esforços de todas as maneiras possíveis.

Na ausência de fotografias autênticas documentando assassinatos em massa, acontece frequentemente que fotografias dos que morreram nos campos ocidentais, no final da Guerra, de má nutrição e de tifo são apresentadas como provas desses assassinios em massa deliberados.

Para que não houvesse dúvidas, as terríveis condições nos campos de Leste, no final da Guerra convenceram muitos observadores Aliados de que os assassinios em massa realmente ocorreram, como indicam os relatórios iniciais. Na realidade, estas condições resultaram de uma situação pela qual o governo alemão não é o único responsável. Para o fim da guerra, Himmler ordenou sem qualquer lógica, a evacuação dos campos do Leste com o aproximar do Exército Vermelho, o que conduziu à superlotação sem esperança dos campos a ocidente. Por essa altura, bombardeamentos Aliados destruíram completamente as infra-estruturas alemãs, tornando impossível o fornecimento a esses campos de comida, medicamentos e suplementos para a higiene. Mal entendidos sobre as causas das mortes continuam até os dias de hoje, especialmente entre os americanos. As guerras, que eles fizeram alegando que o inimigo possuía armas nucleares, nunca provaram a existências dessas armas. Isso não impediu que eles atacassem, matassem milhares de civis inocentes, acabassem com um pedaço da história da humanidade e enforcassem ditadores.

E o que dizer dessa guerra insana entre Israel e o Líbano? Sempre os civis é que pagam pelas decisões erradas de seus governantes, principalmente em uma guerra.

Ninguém nega que um governo que aprisiona pessoas em campos é responsável por elas e por isso o aprisionamento injusto torna-as vítimas do Terceiro *Reich*, mesmo que tenham morrido "apenas" de doença. No entanto não podemos deixar de perceber o fato de que no fim da Guerra, montanhas de corpos tinham-se tornado um lugar-comum por toda a Alemanha. Nas cidades alemãs houve cerca de 600 mil vítimas dos terríveis bombardeamentos Aliados. Mais alguns milhões morreram de fome e de doenças, que continuaram desenfreadamente durante 1949. Na Alemanha Oriental e na Checoslováquia, três milhões de alemães foram assassinados por sérvios, checos, polacos e russos no decorrer da mais sangrenta e histórica limpeza étnica. Nos campos de prisioneiros de guerra da zona ocidental Aliada, um milhão de homens alemães ainda jovens morreram. Outras centenas de milhares foram transportados para campos de trabalho dos Soviéticos e nunca mais foram vistos.



Deverá a dignidade e o respeito, os quais devem às vítimas de atrocidades, dependerem da sua nacionalidade?

O Revisionismo está preocupado somente com a definição do fato histórico objetivo e não deseja negar nem o respeito nem a restituição a qualquer um que tenha sofrido alguma injustiça.

A todo aquele que sempre suspeitou que os revisionistas fossem motivados pelo desejo de branquear o Nacional Socialismo, ou restaurar a sua aceitação nos sistemas políticos de direita, ou ajudar a um crescimento do Nacionalismo, eu gostaria de dizer o seguinte:

Na investigação dos eventos históricos, o nosso objetivo máximo deve ser sempre descobrir como as coisas realmente se passaram.

Tanto os revisionistas como os seus adversários são intitulados pelas suas visões políticas. A acusação de que os revisionistas estão apenas interessados na exoneração do Nacional Socialismo e que tal esforço é repreensível e até criminoso, é um *boomerang*: Esta acusação tem um pré-requisito de que é considerado inaceitável exonerar parcialmente e historicamente o Nacional Socialismo, e fazendo isso, também moralmente. Mas, ao declarar qualquer hipotética exoneração baseada em possíveis fatos considerados inaceitáveis, admite-se abertamente que não existe interesse na procura de verdade, mas sim em incriminar historicamente e moralmente o Nacional Socialismo sob quaisquer circunstâncias e custos. E a motivação por detrás disto só pode ser política. Por conseguinte, esses que acusam os revisionistas de usarem impropriamente a sua investigação para fins políticos, tem eles mesmos comprovado a sua culpa exatamente dessa mesma ofensa. Deste modo, não são necessariamente os revisionistas que são guiados por motivos políticos; mas, com absoluta certeza, o são todos aqueles que acusam os outros de tentar exonerar historicamente e de qualquer maneira um sistema político que desapareceu há muito tempo atrás.

Como consequência disso, a nossa investigação nunca deve estar preocupada com os possíveis efeitos “morais” de nossas descobertas em relação a políticos e regimes do passado, mas somente com os fatos. Qualquer um que argumente o contrário não sabe nada de investigação científica e não deve ousar em condenar os outros tendo como base a ignorância.

*Fim*

## **Monólogo 17 - Hitler parte 2**

### **HITLER**

Durante toda minha vida fui profeta e na maioria das vezes caçoaram de mim. Na época em que eu lutava com todas as minhas forças para conquistar o poder, os judeus zombaram das palavras com que eu anunciava que um dia tomaria a direção do Estado e em seguida da nação inteira, e resolveria entre outros, o problema judaico. Creio que desde então o riso da hiena que naquela época os judeus da Alemanha fizeram ressoar, estrangulou-se em suas gargantas. Hoje mais uma vez serei profeta.

Se o judaísmo internacional no interior e no exterior da Europa conseguisse novamente mergulhar as nações em uma guerra mundial, disso resultaria não a bolchevização da Terra e, portanto a vitória do judaísmo, porém, a exterminação da raça judaica em toda a Europa.

Finalmente eu desejava ter a felicidade, no local, de poder desempenhar o meu papel no país onde o mais ardente desejo de meu coração tinha de ser realizado: a união de meu amado lar com a pátria comum, o *Reich* alemão.

Muitas pessoas não entendem esse sentimento, no entanto eu me dirijo a quem o destino negou até agora essa felicidade, para aqueles que desligados da pátria, tem de lutar até pelo bem sagrado da língua, e por serem fieis a sua pátria são perseguidos e martirizados esperando ansiosamente a hora que os deixem voltar de novo ao coração da mãe querida.

Só aquele que sente dentro de si o que é ser alemão sem poder pertencer à pátria querida, é que pode medir a profunda ânsia que em todos os tempos atormenta aqueles que dela se acham possuídos, a negar-lhes satisfação e felicidade até que se abram as portas da casa paterna e no *Reich* comum o sangue comum torne a encontrar paz e sossego.

Se junta a isso o fato de que a única esperança de realizar na Alemanha uma política territorial sadia, está na aquisição de novas terras na própria Europa. Porém no século dezenove já não é mais possível adquirir essas terras por meios pacíficos. Uma política de colonização dessa espécie só poderá ser realizada através de uma luta áspera que é mais razoável ser aplicada na obtenção de território próximo à pátria, ou seja: a Áustria.

Esse novo *Reich* tem de novamente pôr-se em marcha na estrada dos guerreiros de outrora, a fim de, com a espada alemã em punho, dar ao arado alemão a gleba e à nação o pão de cada dia.

Somente crianças imaginariam que se pode conseguir o desejado alimento pela boa conduta e pela declaração de sentimentos de paz, na concorrência pacífica dos povos, como tanto e tão suntuosamente se tagarelava sobre esse assunto até agora. Não! Não podemos alcançar esse objetivo lançando mão das armas!

O estado alemão deve reunir todos os alemães com a finalidade não só de selecionar os melhores elementos raciais e conservá-los, mas também de elevá-los lenta, mas firmemente a uma posição de domínio.

O primeiro dever de um estado nacionalista é evitar que o casamento continue a ser uma constante vergonha para a raça e consagrá-lo como uma instituição destinada a reproduzir a imagem de Deus e não criaturas monstruosas meio homens meio macacos. Nesse estado de paz e ordem dos dias de hoje, neste mundo de bravos nacionalistas, a proibição de procriação de portadores de sífilis, tuberculose e outras moléstias é vista como crime, ao passo que a esterilidade de milhares dos indivíduos mais fortes da nossa raça não é tida como um mal ou ofensa a moral dessa hipócrita sociedade. Como esse sistema é desprovido de ideal e honra!

Não se preocupam em cultivar o que há de melhor em benefício da posteridade, mas ao contrario, deixam-se as coisas continuarem como estão.

Até nossa igreja que fala sempre do homem como criado à imagem de Deus, peca contra esse princípio, cuidando somente da alma e deixando o homem descer a posição de leproso.

É preciso que o Governo não deixe ao acaso os novos elementos incorporados à nação, mas, ao contrário, submetam-os a determinadas normas. Devem ser

organizadas comissões que tenham a seu cargo fornecer atestados a esses indivíduos, atestados que obedeçam ao critério da pureza racial.

Nossa maior missão para o bem do povo é o aperfeiçoamento dos melhores elementos raciais, com a educação da criança para sua transformação em uma individualidade apta para a multiplicação. A educação deve ter em primeiro lugar o aperfeiçoamento físico, pois, em regra, é nos indivíduos sadios e fortes que se encontra a maior capacidade intelectual.

O estado não deve se preocupar se as razões para essa atitude são ou não compreendidas pelas massas.

Em relação aos jovens, até mesmo seu vestuário deve ser apropriado a esse fim. Um jovem que no verão anda coberto de roupas dificulta sua educação física. O espírito de honra e a vaidade devem ser cultivados, não a vaidade de possuir belas roupas, mas sim de ter um corpo bem formado.

Se a beleza física não se ocultasse hoje sob vestes idiotas, a sedução de centenas de milhares de moças por judeus bastardos, e de pernas tortas e desengonçadas, não seria possível. O judaísmo é a tuberculose racial dos povos.

O governo atual não tem interesse pela saúde do povo, abandonou essa missão de maneira criminoso. Consente que a mocidade se desmoralize em bordéis e nas ruas em vez de dirigí-la de maneira que no futuro se transforme em homens e mulheres sadios.

Quando o homem tiver terminado o serviço militar, deve estar em condições de exibir dois documentos: seu diploma de cidadão para ingressar na vida pública e um atestado de saúde que lhe dê o direito de casar-se.

A educação do sexo feminino deve obedecer ao mesmo critério. O ponto mais importante é a educação física, vindo em seguida o desenvolvimento do caráter e por último, o valor intelectual. A preocupação principal, na educação das mulheres, é formar futuras mães.

Nenhum rapaz ou moça deve abandonar a escola sem estar convencido da necessidade de manter a pureza da raça. O forte é mais forte sozinho. Oito aleijados de braço não equivalem a um gladiador!

Devemos evitar dar tão pouco valor à força de um ideal. Quem nesse assunto sentir-se desalentado deve se lembrar que já fui soldado, de um tempo cujo heroísmo era representado pela força de um ideal. O que fez com que os homens se deixassem morrer, não foi a preocupação de ganhar o pão, mas o amor à Pátria, a fé na sua grandeza, o sentimento geral da honra da nação. Somente quando o povo alemão afastou-se desse ideal para seguir as promessas da Revolução e trocou as armas pela sacola é que alcançou o desprezo e a miséria.

É absolutamente necessário que se ponha diante das vistas dos homens práticos da República “realista” de hoje, um Estado ideal.

O marxismo aparece como a tentativa dos judeus para enfraquecer, em todas as manifestações da vida humana, o princípio da personalidade e substituí-lo pelo prestígio das massas. Em política, o marxismo tem a sua força de expressão no regime parlamentar cujos efeitos sentimos desde as menores células da comunidade até as posições mais eminentes do *Reich*. No Estado, não deve haver maiorias tomando decisões, mas sim um corpo de pessoas responsáveis. A palavra “Conselho” assim reverterá à antiga significação. Cada um poderá ter conselheiros ao seu lado, mas a decisão caberá sempre a uma pessoa, a única que tem autoridade e o direito de dar ordens. Com esse

princípio tornará possível a escolha de um líder, o que hoje é absolutamente impossível em face da irresponsabilidade do parlamento.

Enquanto nossos governantes identificarem o operário alemão com o marxismo, cometem uma falsificação covarde. Eles tentam dissimular o desmoronamento da organização marxista.

Devemos levar ao marxismo a convicção de que o futuro dono das ruas é o Nacional-Socialismo, assim como seremos o senhor do Estado. Não se pode esperar que os partidos atuais, que são os maiores aproveitadores do Estado, mudem de atitude por sua própria iniciativa. Isso é absolutamente impossível, uma vez que seus verdadeiros chefes são todos judeus. A evolução por que passamos terminará um dia, se não lhe opusermos obstáculos, nesta, profecia judaica: o judeu, na realidade, devorará os povos da terra e tornar-se-á senhor dos mesmos.

A primeira tarefa nesse combate não é a criação de uma nova concepção do Estado, mas a remoção das concepções judaicas atuais.

Uma doutrina universal é sempre intolerante e não se contenta em representar o papel de um “partido ao lado dos outros”, mas insiste em ser por todos reconhecida e em impor uma nova maneira de encarar a vida pública, de acordo com seus pontos de vista.

Por esse motivo não se pode tolerar a continuação de que uma força representa a situação anterior. Nessa questão muito se pode aprender com a igreja católica. Apesar de suas doutrinas estarem em muitos pontos em colisão com a ciência exata, a igreja não sacrifica uma vírgula dos seus princípios. Com muita sabedoria ela reconheceu que seu poder de resistência não consiste em uma maior ou menor harmonia com as conquistas dos dogmas que expressam o caráter da fé. Como consequência disso a igreja se mantém mais forte que nunca, e com o tempo conquistará mais adeptos.

O que até hoje existia em matéria de organização partidária não exercia nenhuma influência sobre a sorte de nosso povo. Falta um plano uniforme e claro.

Se hoje todos os partidos reclamam para si a denominação de nacionalistas, devemos ver nisso a influência do movimento nacional-socialista. Sem a atuação deste, nunca teria ocorrido a estes partidos nem mesmo citar a palavra nacionalista. O *NSDAP* foi o primeiro a dar um sentido a essa palavra. Hoje, somente para manterem-se vivos, esses partidos são obrigados a usar tal palavra, que há oito anos não conheciam, há sete levavam ao ridículo, há seis achavam loucura, há cinco combatiam, há quatro odiavam, há três perseguiram, há dois anexaram ao seu vocabulário para usar como grito de guerra.

Os maiores sucessos da história da humanidade foram geralmente pouco compreendidos no começo, pois se opunham ao ponto de vista da opinião pública, verifiquei isso em nossas primeiras apresentações em público.

Hoje vejo que tudo que fizemos surtiu efeito, cidadãos desviados pelo marxismo hoje estão de volta à sua antiga comunidade para lutar pela liberdade de um *Reich* futuro.

A República demonstra fraqueza no exterior e oprimindo seus cidadãos no interior.

Ela suga até a última gota de sangue de seus cidadãos com sua política financeira de extorsão, e os priva de seus direitos.

Um Estado que na época de envenenamento racial se dedica a conservar-se puro, um dia tornar-se-á senhor do mundo.

Temos de unificar todos os estados alemães em apenas um!

Um estado deve ser dividido por raça ou cultura, e não por delimitações territoriais!

Eis que chegará um dia que as fronteiras desaparecerão!

Em face dessa atual situação, nós devemos tentar criar uma força nacional para darmos liberdade ao nosso povo! Devemos nos mostrar para o exterior uma nação forte que será temida pelo inimigo! Um povo, uma nação, um *Führer!*

Não ficaremos para sempre confinados a esse minúsculo pedaço de terra que fomos reduzidos.

É por isso necessário que perante os olhos do resto do mundo, nosso movimento seja reconhecido. Seja qual for o destino que os Céus nos guardem, não de reconhecer-nos pelo nosso altivo programa.

A Alemanha tornar-se-á uma potência mundial ou deixará de existir!

Eu vos garanto: o impossível sempre se realiza, o inverossímil é o que há de dar mais certo.

Tempos virão em que os culpados pela derrocada da Alemanha perderão a vontade de rir.

Serão sufocados pela angústia. É bom que saibam: o juiz está chegando!

A Alemanha está amordaçada pelo tratado de paz!

Quando eu chegar ao poder por meios legais, instituirei tribunais para julgar os que forem responsáveis pela infelicidade de nosso povo. E talvez cabeças rolem legalmente.

Na qualidade de cristão e homem lembro aquela passagem da bíblia que nos relata como o Senhor chegou ao ponto de se levantar bruscamente e se servir de uma chibata para expulsar do templo os usurários, essa raça de víboras. Dois mil anos depois inclino-me com profunda emoção diante do combate inaudito que Ele travou em prol do mundo inteiro contra o veneno judeu, e que foi essa a razão pela qual teve de morrer na cruz.

Que seja a razão o nosso guia; que seja a vontade nossa força; que o dever sagrado de assim proceder nos dê perseverança e o nosso mais forte apoio seja a nossa fé!

O futuro *Reich* perdurará por mil anos!

Durou 12 anos.

*Fim*

## **Monólogo final – O grande ditador**

### **DITADOR**

Sinto muito, mas não pretendo ser um imperador. Não é esse o meu ofício. Não pretendo governar ou conquistar quem quer que seja. Gostaria de ajudar, se possível, judeus, gentios, negros e brancos.

Todos nós desejamos ajudar uns aos outros. Os seres humanos são assim. Desejamos viver para a felicidade do próximo e não para o seu infortúnio. Por que haveríamos de odiar e desprezar uns aos outros? Neste mundo há espaço

para todos. A terra, que é boa e rica, pode prover a todas as nossas necessidades.

O caminho da vida poderia ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos. A cobiça envenenou a alma dos homens, levantou no mundo as muralhas do ódio e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e os morticínios. Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz abundância, tem-nos deixado em penúria. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido.

A aviação o rádio e o próprio teatro aproximaram-nos muito mais. A própria natureza dessas coisas é um apelo eloquente à bondade do homem. Um apelo à fraternidade universal, à união de todos nós. Neste instante a minha voz chega a cada um de vocês, pessoas que saíram de casa para assistir a um espetáculo, pessoas desesperadas, preocupadas, apaixonadas... Homens e mulheres, vítimas de um sistema que tortura seres humanos e encarcera inocentes. A vocês eu digo: Não desesperéis! A desgraça que tem caído sobre nós não é mais do que o produto da cobiça em agonia, da amargura de homens que temem o avanço do progresso humano. Os homens que odeiam desaparecerão, os ditadores sucumbem e o poder que do povo arrebataram há de retornar ao povo. E assim, enquanto morrem homens, a liberdade nunca perecerá.

Soldados! Não vos entregueis a esses brutais que vos desprezam, que vos escravizam, que arregimentam as vossas vidas, que ditam os vossos atos, as vossas idéias e os vossos sentimentos! Que vos fazem marchar no mesmo passo, que vos submetem a uma alimentação regrada, que vos tratam como gado humano e que vos utilizam como bucha de canhão! Não sois máquina! Homens é que sois! E com o amor da humanidade em vossas almas! Não odieis! Só odeiam os que não se fazem amar e os inumanos!

Soldados! Não batalheis pela escravidão! Lutai pela liberdade! No décimo sétimo capítulo de São Lucas está escrito que o Reino de Deus está dentro do homem, não de um só homem ou grupo de homens, mas dos homens todos! Está em vós! Em vós! Em vós! (*Apona para as pessoas da platéia*) Vós, o povo, tendes o poder de criar máquinas. O poder de criar felicidade! Vós, o povo, tendes o poder de tornar esta vida livre e bela, de fazê-la uma aventura maravilhosa. Portanto em nome da democracia usemos desse poder, unamo-nos todos nós.

Lutemos por um mundo novo, um mundo bom que a todos assegure o ensejo de trabalho, que dê futuro à mocidade e segurança à velhice.

É pela promessa de tais coisas que desalmados têm subido ao poder. Mas, só mistificam!

Não cumprem o que prometem. Jamais o cumprirão! Os ditadores liberam-se, porém escravizam o povo. Lutemos agora para libertar o mundo, abater as fronteiras nacionais, dar fim à ganância, ao ódio e à prepotência. Lutemos por um mundo de razão, um mundo em que a ciência e o progresso conduzam à aventura de todos nós. Soldados, em nome da democracia, unamo-nos!

Vós! Estais me ouvindo? Onde te encontrares, levanta os olhos! Vês? O sol vai rompendo as nuvens que se dispersam! Estamos saindo da treva para a

luz! Vamos entrando num mundo novo, um mundo melhor em que os homens estarão acima da cobiça, do ódio e da brutalidade.

Ergam os olhos! A alma do homem ganhou asas e afinal começa a voar. Ela não é de vidro!

Não pode ser estilhaçada!

É apenas alma...Voa para o arco-íris, para a luz da esperança. Ergam os olhos! Ergam os olhos!

*FIM*

## Glossário

*Anschluss* – conexão, também usado para anexação

*Arbeit macht frei* – o trabalho liberta

*Canádas* – ou kanadas: mulheres que separavam os pertences, por categorias, nos depósitos

*Coyas* – Camas dentro dos blocos, similares a beliches colados uns aos outros

*Criminosos de Novembro* – Como muitos nacionalistas alemães, Hitler, culpou os políticos civis (os "criminosos de Novembro") pela capitulação Alemã em 11 de novembro de 1918.

*Danke* – obrigado

*Dreckhunde* – merda de cachorro

*Doktor* – Doutor

*Hauptsturmfuhrer* - Capitão

*Heichfuhrer* – Líder da nação

*Herr kommandant* – Senhor comandante

*Juden* – judeu

*Kapos* – Prisioneiro nomeado como vigilante de um grupo de pessoas que vivem em campos de concentração, geralmente poloneses ou alemães

*Kommando* – Comando

*KZ* – A sigla KZ era adotada para designar qualquer campo de concentração.  
Ex.: KZ Dachau

*Los* – rápido

*Lumpenvolk* – povo desgraçado

*NSDAP* – *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* ou Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, partido que Hitler fazia parte.

*Oberscharfuhrer* - Sargento

*Raus* – fora

*Revier* – Era um tipo de hospital dentro do campo, porém sem muita estrutura, era um tipo de leito para deixar os doentes. Porém todos tinham medo de ir para lá.



*Sie, dab sie anmelden verlassen alle hoffnung* - Vós que entráis abandonai toda a esperança.

*Sonderkommando* – Comando especial

*Tiergartenstrasse 4* ou T4 – Endereço da instituição em Berlim, algo como rua da saúde.

## **Referências Bibliográficas**

*Minha luta*, Adolf Hitler, Ed. Centauro, 2003.

*Into that darkness*, Gitta Sereny, Londres, 1974.

*Hitler* Vol. 1 Joachim Fest, Ed. Nova Fronteira, 2005.

*Hitler* Vol. 2, Joachim Fest, Ed. Nova Fronteira, 2006.

*Médico em Auschwitz*, Miklos Nyiszli, Ed. Record, 1974.

*Tausend Ganz Normale*, Franz Greno, Ed. Nördlingen, 1987.

*Rudolf Roess: Memórias commandant d`Auschwitz*, França, 1959.

## **Fontes de pesquisa**

*A cruz de Hitler*, Erwin ;lutzer, Ed. Vida, 1995.

*Caderno Mais*, Folha de São Paulo, 21/11/2004.

*Maus*, Art Spiegelman, Ed. Cia das Letras, 2006.

*Topography of terror, a documentation*, Edited by Reinhard Rürup, Ed. Arenhövel.

*SS e Gestapo*, Roger Manvell, Ed. Renes, 1977.

*As reuniões de Nurenberg*, Alan Wykes, Ed. Renes, 1978.

*Hitler*, Alan Wykes, Ed. Renes, 1973.

*Almanaque Abril, Coleção 60 Anos da Segunda Guerra Mundial*, 4 volumes, 2005.

História viva Edição 8, Julho de 2004, Ed. Duetto.

*Aventuras na História*, edição 15, Novembro de 2004, Ed. Abril.

*Arquivos Secretos*, edição 11, 2008, Mythos Editora.

*Super interessante*, Ed. Abril, números, 194, 215, 225, 243.

Exposição “*Triangulos roxos*” Campinas - SP, 2001.

Documentário “*Auschwitz*” BBC, 2 volumes.

Documentário “*Rompendo o silêncio*”, de Steven Spielberg, 1995.

Filme “*Arquitetura da destruição*”, Peter Cohen, 1992.

Filme “*O grande ditador*”, Charles Chaplin, 1940.

Site: [www.vhf.org](http://www.vhf.org)

Site: [www.triangulosroxos.org.br](http://www.triangulosroxos.org.br)

Acervo do Centro de Cultura Judaica, São Paulo – SP

*“A pesquisa para escrever Almas de vidro foi vasta e na verdade é interminável, dada a quantidade de material referente à Segunda Guerra Mundial. Separei o que poderia se tornar uma peça realista e baseada em fatos históricos, indo a fonte dos acontecimentos, como relatos de sobreviventes.”*

*“Agradeço em especial a Ana Maria Dietrich por ter colaborado me dando acesso a sua vasta pesquisa sobre o nazismo no Brasil e sobre o Nazismo.”*

Marcos Viganí

*Almas de vidro* de Marcos Viganí

Registro na Biblioteca Nacional: N 394.59 Livro 734 Folha 252